

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA

MARIANA TISO DE CARVALHO

**CONVERSANDO A GENTE APRENDE:
PROCESSOS COLABORATIVOS PARA CONVERSAS SIGNIFICATIVAS
EM CONTEXTOS DE APRENDIZAGEM**

VIÇOSA - MINAS GERAIS

2015

MARIANA TISO DE CARVALHO

**CONVERSANDO A GENTE APRENDE:
PROCESSOS COLABORATIVOS PARA CONVERSAS SIGNIFICATIVAS
EM CONTEXTOS DE APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada ao Curso de Comunicação Social/
Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientação: Prof^ª. Dr^ª. Ana Carolina Beer Figueira Simas
Co-orientação: Prof. Dr. Henrique Moreira Mazetti

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2015



Universidade Federal de Viçosa
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
Departamento de Comunicação Social
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Monografia intitulada *Conversando a gente aprende: processos colaborativos para conversas significativas em contextos de aprendizagem*, de autoria da estudante Mariana Tiso de Carvalho, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^ª. Dr^ª. Ana Carolina Beer Figueira Simas – Orientadora
Departamento de Educação, UFV

Prof. Dr. Willer Araújo Barbosa
Departamento de Educação, UFV

Prof^ª. Dr^ª. Mariana Lopes Bretas
Departamento de Comunicação Social, UFV

Viçosa, 15 junho de 2015

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo ressaltar a interrelação da Comunicação com a Educação, levando para o campo acadêmico processos participativos dialógicos de aquisição de conhecimento. Quando nos referimos à Educomunicação, não acreditamos em somente educar com ou para a mídia, isto é, apenas fazer uso de aparelhos midiáticos no ensino e/ou em práticas no espaço limitado da escola. Muito além, entendemos que os espaços educacionais podem ser em qualquer lugar, inclusive e principalmente em locais informais, onde a maioria das práticas de diálogo aqui analisadas emergiram, se desenvolveram e são normalmente aplicadas. O interesse por este estudo surgiu tanto pelas experiências vivenciadas em duas comunidades de prática quanto pela vontade de experimentar o formato no contexto universitário. Entendendo o conhecimento como forma de experimentar o mundo, que é complexo e, ao mesmo tempo, singular a cada indivíduo, a questão central que norteou o estudo foi: Como processos dialógicos podem servir de ferramenta à obtenção de conhecimento? A partir dessa questão, estudamos de que maneira as metodologias participativas de cocriação Círculo, Café do Mundo e Espaço Aberto podem ser utilizadas dentro de encontros da comunidade *Art of Hosting*. Tentamos também compreender qual a relação desse uso com as dinâmicas dos processos de aprendizagem. Nosso esforço esteve sempre em buscar uma apropriação, pela educação, dessas metodologias e ferramentas participativas que promovem conversas e aprendizagens significativas. Entre os resultados, apresentamos a importância de cada metodologia aplicada à vida, a práxis da soma das teorias *edudialógicas* com as metodologias de conversa para uma educação significativa, a possibilidade de sua aplicação na promoção da inter e da transdisciplinaridade no contexto universitário, a importância de dar importância ao encontro e a capacidade de construção de sujeitos críticos reflexivos-transformadores.

PALAVRAS-CHAVE

Educomunicação; Pedagogia do Diálogo; *Art of Hosting*; Processos Participativos.

RÉSUMÉ

Cette étude visait à mettre en évidence la relation entre la Communication et l'Éducation, en utilisant en milieu académique, un processus d'acquisition de connaissance qui soit fait d'une manière participative et dialoguée. L'Édu-communication telle que nous la présentons ici, ne signifie pas seulement l'éducation avec ou par les médias (une utilisation des dispositifs de média dans l'enseignement) dans les limites définies de l'école. En outre, nous comprenons que les espaces édu-communicationnels peuvent être placés partout et surtout dans des contextes informels. La plupart des pratiques de dialogue analysées dans cette étude ont émergées, ont été développées et sont généralement appliquées dans cet environnement informel. L'intérêt pour cette étude est venu de l'expérience de deux communautés de pratiques et de la volonté d'essayer ce format dans le contexte universitaire. Dans l'idée que la connaissance est une façon d'expérimenter le monde qui est en même temps complexe et

unique à chaque individu, la question centrale qui a guidé l'étude était: Comment les processus dialogiques peuvent servir d'outil à l'obtention des connaissances? A partir de cette question, nous avons étudié la manière selon laquelle les méthodologies participatives nommées *Círculo*, *Café do Mundo* e *Espaço Aberto* peuvent être utilisées dans les réunions de communauté de *L'Art of Hosting*. Nous essayons aussi de comprendre quelle est la relation entre l'utilisation de la méthodologie et la dynamique du processus d'apprentissage. Notre démarche a toujours été d'utiliser ces méthodologies et outils pour favoriser les conversations participatives et l'apprentissage dans l'éducation. Parmi les résultats, nous présentons l'importance de chaque méthodologie appliquée à la vie, la pratique de la somme de la théorie *édu-dialogiques* avec les méthodologies de discours pour une éducation significative, la possibilité de son application dans la promotion inter- et transdisciplinaire dans le contexte universitaire, l'importance de « donner de l'importance » à la rencontre, et la formation des sujets avec des capacités de critique, réflexion et transformation.

MOTS-CLÉS:

Édu-communication; Pédagogie de le Dialogue; *L'Art of Hosting*; Processes Participatifs.

ABSTRACT

This study aimed to highlight the interrelationship between Communication and Education, bringing to the academic field dialogic participatory processes of knowledge acquisition. When we refer to educommunication, we do not believe only in education with or for the media, that is, the use of media devices in teaching and/or use and practices in school, a limited space. Beyond this, we understand that educommunicational spaces can be anywhere, including and especially in informal settings, where most of the dialogue practices which we analyzed in this work have emerged, developed and are usually applied. Our interest in this issue came up from experiences in two communities of practice and a wish to try such format in the university context. Understanding knowledge as a way of experiencing the world that is complex and, at the same time unique to each individual, the central question that guided the present study is: how can dialogic processes serve as a tool to obtain knowledge?Based on this question, we report the way that participatory methodologies of co-creation, Circle, World Café and Open Space can be used within meetings of the Art of Hosting community. We also sought to understand the relationship of such uses with learning processes. Our effort has always been to facilitate the appropriation by the education field of these methodologies and tools that promote participatory conversations and meaningful learning. We present the importance of each methodology applied to life, the praxis of the sum of edudialogical theories with methodologies for meaningful education, the possibility of their application in promoting inter and transdisciplinarity in the university context, the importance of giving importance to encounters, and the capacity to form individuals that are critical, reflective and transforming.

KEYWORDS:

Educommunication; Pedagogy of the Dialogue; *Art of Hosting*; Participatory Processes.

À Lourdinha e à Bernadette, minhas professoras inesquecíveis e exemplo de amor ao conhecimento.

A Rubem Alves, na expectativa de que, assim como ipês-amarelos, essas folhas sirvam de agradecimento e ajudem-nos todos a aprender palavras a fim de melhorar os olhos para o mundo que segue.

Aos defensores e praticantes do diálogo, em especial à inspiradora Meg Wheatley.

AGRADECIMENTOS

Gratidão. Fim de mais uma etapa, mais uma volta na espiral de (re)conhecimento da vida. Não tenho palavras suficientes para agradecer a todos que me foram tão importantes nesses anos que se passaram — e que longos anos! Mas tento mesmo assim:

Agradeço à minha mãe, mulher que me deu a vida e me sustenta desde então. Gratidão pela coragem, garra e determinação, meu exemplo de fortaleza. Aos meus avós, pelo apoio incondicional a o que quer que eu faça. Às minhas madrinhas, pelo afeto e zelo nesse um quarto de século. Aos Tiso e aos Carvalho, laços que vão além do sangue.

Aos meus amigos, família que eu mesma escolhi por toda essa minha jornada. Em especial à Poli, doce surpresa que me ensinou a viver para servir de coração, por nossas noites em claro, pelo parto da escrita, pela alegria das cervejinhas, os cadernos e canetas gêmeas, as correções gramaticais e por me deixar entrar e se permitir permanecer em minha vida. Ao Leãozinho (vulgo Pedro Porreta) pela sinceridade e amor — duas pequenas palavras, mas de profundo significado e importância: obrigada pelos termos certos nas horas certas. Ao Aldemiro, pelo zelo e cuidado. À Marina por me permitir aplicar na prática o que teorizo, e pela família que veio de brinde: Dudu e Theo são também meus! À Isa pela explosão e pela familiaridade: obrigada por não me deixar ser louca só.

À Yayá e à Maria Carla, primeiras amigas da nova família que me faz feliz cada vez mais; o prumpagadá vermelho e branco é mais ritmado com vocês por perto. À todos os parentes de percussão que mantém acesa a minha chama da vida e resgatam, toda semana, a fraternidade de juntos viver. À Taís, Let e Nina pela companhia nesses anos de curso! Ao Theozinho por atender o telefone sempre que eu ligo e saber que independente do grau alcóolico, é por amor! À Bela e Chapinha, ao Champs, Giras e Alice, à Flora e à toda família Fernandino, à Ludi, Nucci e Valadão. À Três Pontas, Xis de Fora, Rio, Poa, Madrid, Floripa, Belô e todas as cidades e pessoas que tão bem acolheram essa nômade e promoveram encontros significativos. Ao Bu, pelo workshop Choice. Minha vida se delineou a partir dele. Obrigada também pela mãe Helô e pela família e casa Morena. Meu amor por Beagá é culpa “suas” e do carnaval. Aos amigos de Arquitetura & Urbanismo, Economia, Comunicação Social, Letras e Mestrado em Educação. Em especial àqueles que permaneceram mais próximos nos momentos em que mais precisei.

Agradeço à Viçosa e à UFV, especialmente. Cidade pequena mineirinha que me recebeu de portas abertas e que posso chamar de lar, viciosa que não me deixa abandonar; orgulho de ser UFV! Junto com elas, nelas e por elas, todos os movimentos e experiências que tão bem

ensinaram uma filha única a dividir. Aos funcionários, docentes e discentes dos Departamentos de Comunicação Social e Educação.

Aos piratas Felipe Amaral, Felipe Cabral e Daniel Larusso. Aos meus companheiros marujos agora já piratas. Aos piratas da primeira turma. À toda geração Estaleiro Liberdade, em Porto Alegre, em São Paulo e para onde quer que vá. À todos que acreditam e investem no *power to the crowd!* À Bibi, Josemas e Rafa: amigos mais sinceros, verdadeiros e dedicados como vocês eu jamais terei. Gratidão por me ensinarem o que é amor.

À Arte de Anfitriar Conversas Significativas e Colher Resultados que Importam e seus tantos ensinamentos valiosos! Obrigada pela possibilidade de repensar minhas pontes, ilhas e marcos pilastrais. Dois anos depois, essas conversas ainda ressoam em meu corpo, alma e mente. Gratidão ao Gui, pela força do chamado, aos demais anfitriões e participantes do AoH Floripa. Ao Guto, Edite e Darlene por unirem forças e nos ajudar a concretizar o AoH Viçosa — e àqueles que se sentiram chamados e vieram contribuir e aprender!

À minha orientadora, amiga e segunda mãe, Cacá, pelo companheirismo, orientação e sustentação. Gratidão pelo amparo na volta “ao mundo real”: por sonhar junto e me ajudar a tirar os sonhos do papel. Agradeço também pelas pessoas preciosas que tenho a honra de ter em minha vida por sua causa: Felipe, Gabriel, Davi e todas as almas iluminantes da comunidade do Palmital.

Ao Henrique, co-orientador e ouvido-amigo, pelas conversas dos n objetos monográficos, orientação e paciência durante pelo menos dois anos. Gratidão pelo estalar-despertar de consciência para a união de duas almas em um mesmo projeto: trazer conversas significativas para a UFV. Me sinto lisonjeada ao te perceber usando palavras e termos que até então duvidava que um “apocalíptico” usaria.

À rede Catarse e todo o seu poder empoderador e transformador de realidades. Minha gratidão às contribuições financeiras, intelectuais, sentimentais e de aconchego. Sem vocês, esses três meses (que viraram sete!) em Porto Alegre não teriam mudado todo o rumo da minha vida — foi o pontapé inicial de um processo de transformação pessoal que anda em curso até hoje. Agradeço em especial a Sérgio Lopes, João Batista e Giovanni Scarasia.

À Gerda, Cida e toda a equipe da Aliança Francesa de Viçosa, pelo apoio e suporte, físico e emocional, pelos conhecimentos e pela cultura, gostos e culinária franceses. E por nunca desistirem de mim, mesmo com as minhas idas e vindas. À musica e arte, que me faz sobreviver e descarregar minhas energias criativas. À essas e a todas as demais pessoas e grupos que buscam a Revolução Planetária. Namastaxé!

“Buscamos, no outro, não a sabedoria do conselho, mas o silêncio da escuta;
não a solidez do músculo, mas o colo que acolhe.”

Rubem Alves

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 CULTIVANDO E COLOCANDO EM COMUM	17
1.1 A COMUNICAÇÃO.....	18
1.1.1 Origens e Conceitos.....	18
1.1.2 O Diálogo.....	21
1.1.3 Formas de Conversa.....	25
1.2 A EDUCAÇÃO.....	28
1.2.1 Origens e Conceitos.....	28
1.2.2 Paulo Freire e a Pedagogia Libertadora.....	31
1.3 A EDUCOMUNICAÇÃO.....	36
1.3.1 Origens e Conceitos.....	36
1.3.2 Mario Kaplún e a Comunicação Educativa.....	38
1.3.3 Por uma Pedagogia do Diálogo.....	41
2 A ARTE DAS CONVERSAS SIGNIFICATIVAS	44
2.1 A Comunidade Internacional.....	46
2.2 Princípios de processos de diálogo.....	48
2.3 Tecnologias sociais de diálogo e conversação.....	51
2.3.1. Justificativa das escolhas.....	51
2.3.2 O Círculo - PeerSpirit Circle.....	51
2.3.3 Espaço Aberto - Open Space Technology.....	52
2.3.4 Café Mundial - World Café.....	54
3 RESULTADOS QUE IMPORTAM (JORNADA DE EXPERIÊNCIAS)	56
3.1 Universidade e o mundo de possibilidades Embarque?.....	56
3.2 Estaleiro Liberdade.....	59
3.3 AoH Floripa: introdução à comunidade de diálogo.....	61
3.4 Conversando a gente aprende: praticando em sala de aula.....	63
3.5 Okara: compartilhando saberes para a sustentabilidade e justiça social.....	67
3.6 AoH Viçosa: discutindo a educação pelo AoH na UFV.....	68
3.7 Colos que acolhem, encontro em que se aprende.....	71
(IN)CONCLUSÕES	73
REFERÊNCIAS	77
ANEXOS	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Características das formas de conversação.....	25
Tabela 2 - Quadro sinótico o antigo e o novo paradigma em educação.....	30
Tabela 3 - Ação dialógica x ação antidialógica.....	34
Tabela 4 - Modelos comunicacionais e educomunicacionais.....	40

NEM SÓ TEORIA, NEM SÓ PRÁTICA: TUDO AO MESMO TEMPO

Sugestão de Roteiro de Leitura¹

A ideia do roteiro veio da apresentação do trabalho à banca examinadora. Uma vez que, cronologicamente, os fatos não aconteceram na mesma sequência do que a exigida pelas normas científicas (introdução, referencial teórico, métodos, experiência e conclusão), ao me preparar para a apresentação oral, senti que com esse roteiro a apresentação seria mais leve e próxima. Sinta-se à vontade para utilizar a ordem “monográfica” do sumário, essa temporal que segue ou o roteiro que você mesmo traçar. Boa viagem!

O Diálogo.....	21
Formas de Conversa.....	24
Universidade e o mundo de possibilidades.....	56
O Círculo - PeerSpirit Circle.....	51
Estaleiro Liberdade.....	59
A Educação.....	28
Origens e Conceitos.....	28
A Comunidade Internacional.....	46
Art of Hosting Floripa: introdução à comunidade de diálogo.....	61
A Comunicação.....	18
Origens e Conceitos.....	18
Café Mundial - World Café.....	53
Conversando a gente aprende: praticando em sala de aula.....	63
A Educomunicação.....	36
Origens e Conceitos.....	36
Mário Kaplún e a Comunicação Educativa.....	38
Espaço Aberto - Open Space Technology.....	54
Okara: compartilhando saberes para a sustentabilidade e justiça social.....	67
A arte das conversas significativas.....	44
Princípios de Processos de Diálogo.....	48
Colos que acolhem, encontro em que se aprende.....	71
Art of Hosting Viçosa.....	68
Paulo Freire e a Pedagogia Libertadora.....	31
Por uma Pedagogia do Diálogo.....	41
(In)Conclusões.....	73

¹ Foi também a estrutura apresentada na banca de defesa da monografia, em 15 de junho de 2015.

INTRODUÇÃO

*Não há pensamento isolado
na medida que não há homem isolado.
Paulo Freire*

*Torno-me eu no tu.
Martin Buber²*

O presente trabalho tem a finalidade de relatar experiências práticas de processos participativos de diálogo dentro e fora da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Diante da atual conjuntura educacional, que ainda privilegia dinâmicas, métodos, espaços e o paradigma racional do século XVII, e, tendo conhecimento de um despontar de teorias que privilegiam uma ideia mais holística e integral do ser humano que reconhece não se bastar sozinho, buscamos em processos grupais de conversas com propósito, teorias e metodologias práticas e dialógicas que podem contribuir para uma reatualização das práticas educadoras. Esse é um tema que já se faz perceber entre a comunidade científica, sobretudo no contexto norte-americano, com a experiência, por exemplo, da *Universidade de Minnesota*³.

A partir das vivências e das reflexões aqui descritas, foi objetivo deste trabalho aprofundar os estudos e criar laços entre Comunicação e Educação, pensando sempre no diálogo e nas metodologias participativas como fontes de inspiração.

Durante o meu processo de formação como Comunicadora Social/Comunicóloga, muito pouco sobre o campo da Educação fez parte do “currículo oficial”. Muito do que aqui descrito — se não tudo — partiu mais de uma vontade pessoal, uma vez que percebi ligações importantes entre as duas áreas. Talvez por isso fez tanto sentido. Há quem diga que educação vem de *educere*, i.e. “levar para fora de si.” De fato, até há pouco tempo, prevalecia o *Paradigma educacional* que dava à função razão muito mais importância do que à demais *funções psíquicas*: sensação, sentimento e intuição. Fundamentado na Ciência Moderna do século XVII e seu modelo antropocêntrico, racional, cartesiano, newtoniano, mecanicista e reducionista, foi no século XX, no entanto, que a *fragmentação* (compartimentalizar para

² BUBER *apud* GRÜN, 2005.

³ Ver LUNDQUIST, 2013.

entender) e a *especialização* chegaram a patamares tão extremos que o homem passou a considerar-se centro de todo o universo (FERNANDINO, 2011).

A Educação Holística, bem como a Transdisciplinaridade, vem como alternativa, apresentando um padrão mais *integral*, em que o homem não é colocado como centro isolado de tudo, mas interrelacionado aos outros e ao planeta. A educação começa a voltar-se, então, para o sentido do qual reconhecemos ser o fundamental: *educatio* — cultivo, nesse caso, interno, de si, em relação aos outros e ao ambiente no qual faz parte, simultaneamente.

De fato, faz parte do trabalho presente a problematização da comunicação como dialógica e como processo interpessoal, entre dois (ou mais) agentes que são ao mesmo tempo emissores e receptores, que se escutam efetivamente, que estão presentes verdadeiramente, que entendem o sentido do *encontro* e o que dele está surgindo. Estes sujeitos se sentem e se tratam como iguais, reconhecem a profundidade do ato de partilhar — i.e., “participar de” e realizam a transformação que é necessária. Procuramos, então, legitimar uma importante reflexão acerca da comunicação que tem como origem a “prática ancestral” (WHEATLEY, 2012) — e que é também integrante do campo teórico-acadêmico da Comunicação Social.

Reconhecendo essas dimensões da educação e da comunicação, estão os teóricos David Bohm, Paulo Freire e Mario Kaplún e seu entendimento do *diálogo* como prática libertadora e transformadora de si e do mundo, aqui destacados por entendermo-los como contribuidores fertilizantes do campo da educomunicação. Uma vez que o diálogo só é possível e construtivo pelo *encontro* de Sujeitos de forma mais horizontal e participativa, não só estes teóricos defendem-no, mas também “ativistas” e participantes de processos colaborativos do diálogo como Margaret Wheatley, Marianne Mille Bojer, Heiko Roehl, Marianne Knuth, Colleen Magner, Christina Baldwin, Harrisson Owen, Juanita Brown e David Isaacs, bem como a comunidade de prática *Art of Hosting*.

Minha motivação para eleger esse estudo em parte autobiográfico como conclusão do meu período *(trans)formador* em Comunicação Social, foi minha vivência pessoal em espaços que me possibilitaram o entendimento da integração da comunicação e da educação, e a possibilidade de ligar teoria à minha própria prática dentro e fora da Universidade. Apesar de “entrar” no Curso em 2010, foi a partir do contato com um projeto social — o *De Jovem*

pra Jovem — em 2012, que comecei a ter uma relação e interesse cada vez maior com a realidade da educação em escolas públicas e particulares de Viçosa.

O tema *educação*, em si, despertou minha atenção em um *workshop* ao final deste mesmo ano, em que o desafio proposto era buscar solucionar uma situação-problema que envolvia a história de vida de uma pessoa em que selecionamos a educação como uma das alternativas possíveis⁴. Nossa reflexão deu-se em cima de como essa educação poderia acontecer para além de como já é praticada atualmente — com métodos “inovadores”. Logo em seguida, eu soube da oportunidade de estudar/vivenciar em um espaço de aprendizagem em que a principal disciplina era o *autoconhecimento*.

Em 2013, decidi trancar minha matrícula no curso de Comunicação Social, da Universidade Federal, em busca de novos conhecimentos. Nesse tempo, fui para Porto Alegre, onde tive a oportunidade de participar de uma escola livre de *autoconhecimento e empreendedorismo*, o Estaleiro Liberdade — onde tive acesso a potentes ferramentas dialógicas que eram utilizadas no contexto de aprendizagem da escola.

Em um segundo momento, agora na cidade de Florianópolis, me deparei com uma comunidade de prática de processos colaborativos de diálogo, o *Art of Hosting* (AoH) — objeto no qual repousamos nosso ensaio teórico, sobre a importância de grupos, os princípios norteadores, e a descrição de algumas das ferramentas mais simples, mas nem por isso menos profundas e eficientes.

Estas comunidades de práticas, o *Estaleiro Liberdade* e o *AoH Floripa*, honravam o diálogo, a *aprendizagem com significado* (pessoal e coletivo) e estavam baseadas na lógica da cooperação. A partir destas experiências, a importância de conversas profundas e com propósito passou a fazer ainda mais sentido para a minha formação (pessoal e profissional): minhas experiências foram a todo tempo incentivadas a serem compartilhadas e conhecimentos individuais tornavam-se coletivos por meio de conversas significativas e de escuta atenta. Percebi-me dona do meu próprio processo de aprendizagem, que está sempre

⁴ Segundo o artigo primeiro da Lei de Diretrizes e Bases para a educação brasileira, escrito por *Darcy Ribeiro*, educação abrange todos os processos formativos que se dão na família, no mundo do trabalho, nas instituições de ensino e de pesquisa, nos movimentos sociais, nos meios de comunicação e nas atividades culturais. VER SEMLER, 2010, p. 20.

em constante fluxo, nunca estático — o porquê e o para quê estou viva, como defende o pensador Maturana⁵.

Com o meu retorno ao ambiente de salas de aula, no segundo semestre de 2013, com a pedagogia tradicional e suas dinâmicas, seus métodos de avaliação e de relação com os conhecimentos, me senti motivada a buscar compreender como seria a aplicação da lógica e da prática daquelas experiências que vivenciei fora do contexto universitário da UFV.

Participando como ouvinte em uma disciplina optativa denominada *Comunicação para a Sustentabilidade*, oferecida pelo Departamento de Comunicação Social, tive mais acesso à teoria sobre metodologias dialógicas. No final desta disciplina surgiu a oportunidade para a organização de um encontro de três dias de aplicação de técnicas conversacionais: o *Okara* – compartilhando saberes para a sustentabilidade e justiça social. Mesmo ao final da disciplina, os investimentos na aprendizagem das metodologias que eu havia entrado em contato continuaram.

Assim, com o desenvolvimento de uma pesquisa-ação não formalizada que deu embasamento teórico e título a essa monografia, pudemos aplicar metodologias ativas de aprendizagem junto a estudantes diversos departamentos da universidade, para conteúdos das disciplinas *Psicologia, Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, e Didática*. Todas essas ações colaboraram para a realização de um evento maior, uma edição da própria comunidade *edudialógica*⁶ AoH em Viçosa. Esse encontro teve como objetivo divulgar as práticas de diálogo para a comunidade, pela vivência prática e pela revisão teórica disponibilizada sob o formato de uma apostila.

Em um sentido contrário à educação tradicional/bancária burocrática, à comunicação vertical e o modo de relação social hierarquizado, propomos uma reflexão sobre a AoH, ou a *A Arte de Anfitriar Conversas Significativas e Colher Resultados que Importam*, como um espaço comunitário colaborativo de prática do diálogo, de conversação significativa e de escuta ativa como forma de construção autônoma e pessoal, para além da sala de aula. Temos

⁵ Humberto Maturana. Neurobiólogo chileno, crítico do Realismo Matemático e um dos propositores do Pensamento Sistêmico e do Construtivismo Radical, Maturana ficou conhecido por sua teoria da *autopoiesis*, com Francis Varela, e pela *Escuela Matriztica*, onde é co-fundador, juntamente com Ximena Dávila.

⁶ Explicação do termo na seção 1.3 no sub-ítem Por uma Pedagogia do Diálogo.

como pressuposto que qualquer espaço pode ser lugar de conversas significativas, de partilhas de visão de mundo, de crescimento integral e de transformação social.

De tal maneira, com esse trabalho, procuramos (re)afirmar a comunicação e a educação como processos intrinsecamente ligados; e a educomunicação como educação ativa dentro do contexto da comunicação dialógica. Apresentamos metodologias de diálogo com seus princípios, propósitos, acordos e dinâmicas e, em seguida, relatamos a utilização desses processos colaborativos de conversas significativas em contextos de aprendizagem.

1 CULTIVANDO E COLOCANDO EM COMUM

Comunicação e educação se estruturam como um *processo*, isto é, não devem ser entendidas como uma sequência fixa de eventos. “Não é coisa estática, parada. É móvel. (...) Os acontecimentos e as relações [são] dinâmicos, em evolução, sempre em mudança, contínuos.” (BERLO, 2003) Tendo isso em mente, não é de se estranhar que esses conceitos tenham tido seus significados e objetivos alterados ao longo do tempo.

Também por isso, essas duas áreas do saber não devem ser analisadas e não podem ser compreendidas separadas do contexto em que foram criadas, utilizadas e desenvolvidas. Ambas transformam e são transformadas a todo momento por agentes sociais e por sua relação com os demais saberes e formas de vida.

O esforço teórico que aqui se ensaia parte de algumas possíveis origens das palavras, na busca do seu sentido primeiro, fundamental, já que entendemos que essa essência pode ter sofrido alterações ao longo do tempo, e por isso algumas confusões quanto a termos e significados acontecem, tais como informação e comunicação, ensino e educação. Na busca por uma Comunicação Educativa e uma Pedagogia do Diálogo, nas próximas páginas situamos origens, conceitos, práticas e autores dos campos da Comunicação, Educação e Educomunicação.

1.1 A COMUNICAÇÃO

*Não é fácil retomar a prática da troca de ideias.
Ficamos calados e nos distanciamos por muitas razões.
Desde os tempos da escola elementar, e agora como adultos,
somos orientados a ficar calados para que outras pessoas nos digam
o que pensar. Essas experiências nos deixaram
com receio de falar e com medo uns dos outros.
Mas uma boa conversa é muito diferente. É uma maneira
mais antiga e confiável para os seres humanos pensarem juntos.*
Margaret Wheatley

1.1.1 ORIGENS E CONCEITOS

Se recorrermos à etimologia do termo, uma incoerência é evidenciada: levando em consideração seus morfemas e significado inicial, a palavra “comunicação” foi modificada em sua prática, chegando a ser o oposto do que inicialmente representava. A comunicação em vigor, também chamada comunicação *mediática*, é definida por Ana Carolina Simas em sua tese *Comunicação e Diferença* (2013):

A comunicação *mediática* é caracterizada muito mais por fluxos de transmissão de informação em mão única, em que não há possibilidade de interação ou diálogo (...). São poucos os que detêm o controle dos meios de expressão; a maioria dos grupos não tem direito à voz, mas tem o “dever” do consumo dos produtos midiáticos. Na construção dos discursos e das narrativas que predominantemente qualificam a cultura através dos meios de comunicação social, há pouco espaço para o outro, ainda que ele seja intensamente afetado por estes discursos. (SIMAS, 2013, p.70)

A diferença entre o eu x o outro, a hierarquização entre emissor-receptor e a escuta não efetiva e aberta — consumir sim, refletir não —, não permite que falemos em comunicação no seu sentido mais radical e genuíno. “O que hoje vivenciamos, em diversos níveis, é circulação de informações, desconectadas da dimensão do sentido” (SIMAS, 2013, p.71). Para além da “desestruturação morfológica [de seu conceito e] das relações sociais e atomização dos indivíduos” (SODRÉ, 2002, p. 224) que a comunicação sofreu, pretendemos reforçar o seu sentido fundamental.

Comunicação é ação em conjunto. Luiz Martino, em seu texto *De qual comunicação estamos falando?* (2001), aponta a palavra latina *communicatio* como geradora do sentido inicial de comunicação — palavra em que se pode distinguir três elementos: “uma raiz *munis*, que significa ‘estar encarregado de’, que acrescido do prefixo *co*, o qual expressa

simultaneidade, reunião, temos a idéia de uma ‘atividade realizada conjuntamente’, completada pela terminação *tio*, que por sua vez reforça a idéia de atividade.” (MARTINO, 2001, p. 13)

Para David Bohm, ela vem

do latim *commun*, com o sufixo *ie*, que é semelhante a *fie*, que significa “fazer” ou “por em prática”. Assim, [mais] um dos significados de “comunicar” é “fazer alguma coisa juntos”, isto é, levar informações ou conhecimentos de uma pessoa para outras de maneira tão exata quanto possível. (BOHM, 2005, p. 29)

Resumindo, se levarmos em conta *communicatio* como origem radical, comunicação pode ser entendida como uma “*atividade realizada juntos*”.

Muniz Sodré, em seu livro *Antropológica do Espelho* (2002), analisa a mesma palavra e aponta nela um sentido de disciplina social, detentora de uma posição reflexiva e rumo a uma “movimentação concreta”, isto é, tornar comum

as diferenças práticas na dinâmica de realização do real. Isto está implícito, desde a origem, na palavra *communicatio* (do latim clássico, ciceroniano), que inclui os mesmos *cum* e *munus* de *communitas* e significava propriamente *societas* ou sociedade abordada pelo ângulo comunitário de atração, comércio ou vinculação entre humanos, deuses e humanos, vivos e mortos. (SODRÉ, 2002, p. 225)

Comunicação é encontro. Martino reforça a idéia de prática coletiva quando conta como o termo efetivamente aparece pela primeira vez: no vocabulário e prática religiosos. Em um tempo de cristianismo antigo, a vida eclesiástica acontecia em isolamento total (anacoretas) ou parcial (cenobitas). No caso dos cenobitas, os menos radicais, encontra-se a opções dos mosteiros, local onde os monges permaneciam (e permanecem) isolados para a contemplação, cada um em sua cela, mas se encontram diariamente em um ato de “tomar a refeição da noite em comum”, prática essa que recebeu o nome de *communicatio*. Nesse sentido, a reunião só tem valor porque antes de tal atividade — o ato de comer — aqueles que partilham tal ato se encontravam isolados, isto é, uma atividade específica de *encontro que tem como pano de fundo o isolamento* dos agentes. (MARTINO, 2001)

Esse isolamento pode se dar de forma literal, como os monges, ou de forma figurada, em um mundo em que o egoísmo e a competitividade são características incentivadas. Margaret Wheatley, em seu livro *Conversando a gente se entende*, discorre sobre os maus hábitos que acabamos cultivando em nossas relações e comunicações: falamos muito depressa, não ouvimos com atenção e acabamos interrompendo a linha de raciocínio do

outro, monopolizamos o tempo, discursamos, pontificamos. “Muitos de nós fomos recompensados por esses comportamentos. Ficamos mais poderosos usando-os. Mas nenhum deles leva a pensar de modo mais sensato nem conduz a relacionamentos saudáveis. Eles só nos afastam uns dos outros” (WHEATLEY, 2012, p.43)

Mas esse não é o objetivo da conversa: a comunicação é ir ao encontro, é partilhar, “a conversa é uma oportunidade de nos encontrarmos como iguais” (*Ibidem*, p.40) , de *ser-em-comum*. Sodré enfatiza a comunicação como processo de ligação, reunião, de algo que se faz a outro — visando um bem para além do eu:

as palavras *communitas*, *communio* e *communis* (*cum* é o que liga ou reúne; *munis* é cargo ou serviço que se presta a outro) referem-se à idéia de por uma tarefa em comum, ou seja, dispô-la como possibilidade de realização a mais de um, o que implica o coletivo (*koinos*, *koinonia*, em grego), oposto a particular. O ser-em-comum da comunidade é a partilha de uma realização (...) Quer dizer, não se define como um estar-junto num território, numa relação de consanguinidade, numa religião, mas como um compartilhamento ou uma troca. (SODRÉ, 2002, p. 224)

A comunicação é produto do encontro social, é “um tipo de relação intencional exercida sobre outrem”(MARTINO, 2001, p. 14).

Comunicação requer coragem. Coragem deriva do francês antigo para coração (*cuer*). “Desenvolvemos coragem para as coisas que falam ao coração. A nossa coragem aumenta para coisas que nos afetam profundamente, coisas que abrem os nossos corações” (WHEATLEY, 2012, p. 36). A conversação nos dá a sensação de união, comunhão, de ser em comum, de encontro de corações. O tipo de conversa em que acreditamos, a de conteúdo significativo, requer coragem para começar, disposição para ouvir, e curiosidade em relação às experiências que serão experimentadas e compartilhadas. Ela cria as condições para que redescubramos a alegria de estar e pensar juntos. “Quando pensamos em iniciar uma conversa, podemos buscar coragem no fato de que esse é um processo que todos conhecemos. Estamos reavivando uma prática ancestral, uma maneira de estar junto que todos os seres humanos lembram.” (*Ibidem*, p. 35)

Comunicação visa a transformação. “O conceito de comunicação aponta para a movimentação concreta de toda comunidade. Evidencia que se trata de por em comum as diferenças práticas na dinâmica de realização do real.” (SODRÉ, 2002, p. 225) É *ação em comum* (comum + ação), ação de *ser-em-comum*, um processo de reunião e partilha de

consciências. Paulo Freire⁷ acredita no poder central que a comunicação — por meio da educação — possui na transformação de seres humanos em Sujeitos (pensantes e autônomos). Comunicação é ação em si e no mundo, e transformação pessoal e social. Se não conversamos, desistimos de nossa humanidade.

O potencial da verdadeira comunicação é o compartilhamento da essência de qualquer assunto ou alma. Se levarmos em conta que um dos significados possíveis para *partilha* é também “participar de”, a comunicação visa, em última instância e em sua acepção original, o fazer parte de. Os grandes e bem-sucedidos esforços de mudança começam com uma conversa entre amigos que não toleram mais algo que observam ou reagem a algum sonho sobre um futuro possível (WHEATLEY, 2012). A conversa é o meio para descobrir a si, e poder mudar. E ao mudar o que somos, mudamos o mundo.

Em resumo, podemos dizer que a comunicação sofreu mudanças semânticas, mas em seu sentido original — e sob o qual nos apoiamos — ela é ação que se realiza pelo encontro, requer coragem e visa a transformação. “De outra parte, a resposta que espontaneamente vem a nosso espírito [ao tentar definir o que é a comunicação] é a situação de diálogo, onde duas pessoas (emissor-receptor) conversam, isto é, trocam idéias, informações ou mensagens.” (MARTINO, 2001, p. 12)

A consciência sobre a qualidade das conversas, a importância de se escutar todos os lados e o estar verdadeiramente presente levou autores como David Bohm e Marianne Bojer, dentre outros, a se aprofundarem no que é o *diálogo* e o como ele acontece.

1.1.2 O DIÁLOGO

*Como posso dialogar se alieno a ignorância, isto é,
se a vejo sempre no outro, nunca em mim?
Como posso dialogar se me fecho à contribuição dos outros,
que jamais reconheço, e até me sinto ofendido com ela?
A autossuficiência é incompatível com o diálogo.
Neste lugar de encontro,
não há ignorantes absolutos nem sábios absolutos;
há homens que, em comunhão, buscam saber mais.
Paulo Freire*

⁷ Retomamos seu pensamento principalmente no tópico sobre a Pedagogia Libertadora — seção 1.2.

Embora a prática do diálogo seja obra da criação humana, que seja tão antiga quanto a própria civilização, e que ao longo dos anos obtivemos avanços tecnológicos das redes de comunicações, “ainda assim, em que pese esse sistema mundial de ligações, há, neste exato momento, um sentimento generalizado de que a comunicação está se deteriorando em toda parte, numa escala sem precedentes” (BOHM, 2005, p. 27). Estamos menos capazes de falar com as outras pessoas sem brigar. A partir da experiência que serviu de tema para essa monografia e da revisão bibliográfica, podemos afirmar que o “problema da comunicação” acontece principalmente porque não nos empenhamos em realmente ouvir uns aos outros.

De uma forma superficial e em primeira análise, o diálogo pode ser caracterizado como uma atividade relativamente direta, entre dois ou mais agentes — apesar de ele poder acontecer também de forma individual, não-verbal. David Bohm, físico teórico que desenvolveu um trabalho de referência sobre diálogo, principalmente em seu livro *Diálogo: comunicação e redes de convivência* (2005), afirma: “mesmo só uma pessoa pode ter o sentimento dialógico dentro de si, se o espírito do diálogo estiver presente” (*Ibidem*, p.34). Martino caracteriza-o como um tipo de “relação bipolar, direta e imediata” (MARTINO, 2001, p. 12). Mas, para Lee Nichol, em seu prefácio para Bohm, “diálogo é um processo multifacetado, que vai muito além das noções típicas do linguajar e do intercâmbio coloquiais” (NICHOL, 2005, p.8); isto é, muito além do falar, diálogo é também uma experiência tácita do ouvir e do estar presente, aqui-e-agora.

David Bohm volta à origem etimológica do termo:

“Diálogo” vem do grego *dialogos*. *Logos* significa “palavra” ou, em nosso caso, poderíamos dizer “significado da palavra”. E *dia* significa “através” — e não “dois”, como parece. O diálogo pode ocorrer com qualquer número de pessoas, não apenas com duas. (...) O retrato ou imagem sugerido por essa derivação é o de uma *corrente de significados* que flui entre nós e por nosso intermédio; que nos atravessa, enfim. (BOHM, 2005, p. 34)

Diálogo é o significado que flui através das pessoas. Marianne Bojer *et al*, em seu livro *Mapeando Diálogos* (2010), faz menção ao esforço etimológico de Bohm e o completa ao afirmar que essa concepção integra outras questões como a confiança no processo, a suspensão de julgamentos, a valorização de diversos saberes que, através do encontro, promovem a cocriação pela emergência da *inteligência ou sabedoria coletiva*.

A sabedoria coletiva é aquela que “emerge”, isto é, surge quando estamos em conjunto; ela é maior do que a simples soma de cada inteligência individual. Ana Carolina Simas (2013) explica

O grupo consegue ver junto o que ninguém vê sozinho – e esta visão pode levar a soluções interessantes e dificilmente imaginadas para questões e problemas fundamentais que movem a comunidade em tempos do imperativo da mudança. Esta qualidade de interação depende das maneiras como nos conectamos uns aos outros, dos princípios que compartilhamos, expressos em processos coerentes, que favoreçam a emergência da sabedoria coletiva. (SIMAS, 2013, p. 173)

Já para Ferreira, o diálogo vai para além dessa troca de idéias, informações, conceitos ou mensagens, ele

é interação e construção de sentido entre duas ou mais partes. Exige comprometer-se (...), aceitar abrir mão de alguns interesses de curto prazo para construir relacionamentos duradouros. Dialogar, de certa forma, é ajustar interesses, expectativas e significados. É um processo de agir comunicativo. (FERREIRA, 2011, p. 48)

O que emerge do diálogo pode ser algo inédito, fruto do encontro de duas consciências e de sua ação comunicativa. O diálogo tem por finalidade a compreensão da consciência em si própria, “*per se*”. E essa compreensão e significado é compartilhado, “é a ‘cola’ ou ‘amálgama’ que mantém juntas as pessoas e as sociedades” (BOHM, 2005, p. 34) por seu pensar juntos, dividindo opiniões e pressupostos sem hostilidade.

Wheatley, em seu livro *Conversando a gente se entende* (2012), diz que não há como odiar alguém cuja história conhecemos. O ouvir — o silêncio solidário — nos aproxima, promove a abertura e, como diz Freire, revela

a boniteza que há nela [a abertura] como viabilidade do diálogo. A experiência da abertura como experiência fundante do ser inacabado que terminou por se saber inacabado. Seria impossível saber-se inacabado e não se abrir ao mundo e aos outros à procura de explicação, de respostas a múltiplas perguntas. O fechamento ao mundo e aos outros se torna transgressão ao impulso natural da incompletude. O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialética em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história. (FREIRE, 2014, p. 111)

Ao definir a comunicação como *levar informações ou conhecimentos de uma pessoa para outra de maneira tão exata quanto possível* — como já visto na seção anterior, Bohm (2005, p. 29) faz uma ressalva em relação ao diálogo, uma vez que nele “quando alguém diz alguma coisa o interlocutor em geral não responde com o mesmo significado que a primeira

pessoa deu às suas palavras. Os significados são *similares*, mas não idênticos (*Ibidem*, p. 29).” Ao considerar essa diferença entre os significados, algo novo pode aparecer.

“Sua natureza é mais a de uma curiosidade descontraída, não-julgadora. Sua atividade principal é ver as coisas tão sem preconceitos e tão claramente quanto possível” (NICHOL, 2005, p.11), assim como o ouvir sem pré-conceitos e sem tentar influenciar:

Cada uma [pessoa] deve estar interessada em primeiro lugar na verdade e na coerência, de modo a que possam deixar de lado suas ideias e intenções antigas, e tornarem-se prontas para entrar em algo diferente quando necessário. Se, contudo, duas pessoas querem trocar ideias ou pontos de vista como se fossem simples fragmentos de informação, seu encontro fracassará quase que inevitavelmente. Pois cada uma delas ouvirá a outra por meio do filtro de seus pensamentos, os quais tentará conservar e defender, não importa se verdadeiros ou coerentes. É óbvio que o resultado será apenas o tipo de confusão que leva ao “problema da comunicação”, que é insolúvel e já foi apontado e discutido. (BOHM, 2005, p. 30)

Como o movimento em um processo dialógico comumente não é apenas de A para B, mas muito mais como *um vai-e-vem* contínuo entre os interlocutores/participantes, “cada pessoa não tenta *tornar comuns* certas ideias ou fragmentos de informação por ela já sabidos. Em vez disso, pode-se dizer que os interlocutores estão fazendo algo *em comum*, isto é, criando juntos uma coisa nova” (*Ibidem*, p. 29):

“O movimento de um grupo de diálogo é raramente do tipo que vai do ponto A ao ponto B; Em vez disso, é tipicamente mais recursivo, com desvios dinâmicos inesperados que se seguem a períodos de frustração, tédio e agitação, num círculo interminável.” (NICHOL, 2005, p.10)

Assim como falar faz parte do diálogo, ouvir também é fundamental. No mesmo fluxo A para B, acontece em mesma grandeza em sentido contrário a escuta de B para A, e vice-versa, quando o fluxo de fala/escuta é alterado. Ouvir cria relação entre os agentes do diálogo — relação empática, i.e., capacidade de conectar com o outro, em que apenas o escutar com atenção é suficiente.

Ouvir, “no contexto dialógico, é muitas vezes interpretado como uma sensibilidade profunda, cuidadosa e empática em relação às palavras e significados produzidos pelos membros do grupo. No entanto, ouvir faz *parte* do diálogo.” (*Ibidem*, p.15)

1.1.3 FORMAS DE CONVERSA

O objetivo do diálogo não é trocar opiniões ou conselhos, barganhar acordos, conversar sem propósito, argumentar ou ganhar discussões ou analisar as coisas, mas sim “suspender as opiniões e observá-las — ouvir os pontos de vista de todos, suspendê-los e a seguir perceber o que tudo isso significa. Se pudermos perceber o que significam todas as nossas opiniões *compartilharemos um conteúdo comum*, mesmo se não concordarmos completamente.” (BOHM, 2005, p. 65)

Por isso, faz-se também importante diferenciar diálogo de outros possíveis modos de nomear uma conversa. Bojer *et al.* (2010, p.18) faz essa diferenciação. Para eles, conferência e consulta tem como finalidade reunião formal ou aconselhamento: A fala e B *pode aceitar ou não* o que foi dito; negociação tem como objetivo um *acordo transacional, de barganha*, mantendo a lógica da manutenção dos interesses individuais “em jogo”; tertúlia é uma reunião periódica não estruturada *sem objetivo concreto*.

A seguir, apresentamos um quadro que elaboramos com base nas definições de Bojer *et al.* e Bohm sobre diálogo e outras formas de conversa:

Características	DIÁLOGO	NÃO-DIÁLOGICO
O fluxo da conversa	Trata-se de algo inédito, que não está presente no ponto de partida	Conferência e consulta: A fala e B pode aceitar ou não o que foi dito
Resultado e foco	Suspender opiniões e observá-las: diversos modos de pensar, pressupostos e opiniões. Coletivo é mais importante	Negociação: como resultado o acordo (transações e barganhas), lógica dos interesses individuais
Prática e propósito	Percorrer todo o processo do pensamento e mudar o modo como acontece coletivamente. Falar com propósito	Tertúlia: reunião periódica não estruturada sem objetivo concreto.
Construção de sentido	Livre fluxo de significados; movimento coerente de pensamento e comunicação	Advocacy: pedir/argumentar fortemente em favor de determinado ponto de vista
Tipo de relação	Espírito de ganha-ganha. Não jogamos uns contra os outros, mas com cada um	Debate: duas perspectivas opostas, ganha-perde com base nos argumentos
Ênfase	Significado compartilhado, plano tácito: “cola”, “amálgama”	Discussão: consideração racional e analítica, quebra-se o problema em partes

Tabela 1 - Características das formas de conversação

Particularmente, acreditamos que em geral é difícil distinguir, principalmente, os conceitos de *advocacy*, *debate*, *discussão* x *diálogo*. Apesar de não utilizarmos o termo em nosso dia-a-dia, “advocacy é o ato de pedir ou argumentar fortemente em favor de uma determinada causa, ideia ou política” (*Ibidem*, p. 18) e seu significado está muito presente na prática de conversas rotineiras.

Debate, por sua vez, “é uma discussão normalmente focada em duas perspectivas opostas, para que um lado saia vitorioso. O lado ganhador é aquele com as melhores articulações, ideias e argumentos”, enquanto *discussão* é a oposição do diálogo: possui a raiz *cuss*, a mesma de “percussão” e “concussão”, que significa quebrar, fragmentar, romper. Bohm explica que na discussão a ênfase é dada “à ideia de análise, na qual podem existir muitos pontos de vista, e cada indivíduo apresenta o seu, que difere dos outros. E assim eles analisam, estilhaçam” (BOHM, 2005, p. 34).

Evidentemente essa forma de comunicação tem o seu valor, dependendo do contexto na qual se insere. No entanto, ele ressalta, esse valor “é limitado e não nos levará muito longe, muito além dos nossos pontos de vista” (*Ibidem*, p. 34). Bohm explica que grande parte do que chamamos “discussão” não possui profundidade, uma vez que há certos aspectos não-negociáveis e intocáveis. O debate, o convencimento, a discussão e a persuasão não tem lugar no diálogo, “porque convencer ou persuadir significa ‘vencer’; e aqui não se trata de ganhar um argumento, mas de compartilhar o sentido” (SIMAS, 2013, p.176).

Em um diálogo, contudo, se alguém ganha, todos ganham. Há um espírito diferente, de participação: não jogamos uns contra os outros, mas *com* cada um. No diálogo, todos vencem (BOHM, 2005; SIMAS, 2013).

Assim, se as pessoas quiserem cooperar (isto é, literalmente “trabalhar juntas”), precisam ser capazes de criar algo em comum: alguma coisa que surja de suas discussões e ações mútuas, em vez de algo que seja transmitido por uma autoridade a outros que se limitem à condição de instrumentos passivos (BOHM, 2005, p. 30).

Para além de criar algo em comum, também é nosso dever, como indivíduos membros de uma sociedade, a tarefa de cultivar os relacionamentos que já foram criados e os conhecimentos que já foram descobertos, bem como aplicar o diálogo consciente em nossa interrelação.

Paulo Freire, em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (2014a), diz que testemunhar essa abertura do ser que é e que se reconhece inacabado aos outros e a disponibilidade

curiosa sobre sua trajetória pessoal são saberes necessários à prática educativa. Educação essa que, em sua raiz etimológica e ideia inicial, confirma esse poder de nutrição dos saberes que já temos — e o que havemos de ter — pela comunicação e o diálogo.

1.2 A EDUCAÇÃO

*Aprendemos o que desejamos aprender.
É o desejo que desperta em nós a inteligência.
E o que dá desejo de aprender é a curiosidade.*
Rubem Alves

*Educação não é uma questão de falar e ouvir,
mas um processo ativo e construtivo.*
John Dewey

1.2.1 ORIGENS E CONCEITOS

Amorim, em seu texto *Por uma história da educação para além da escola*, discorre sobre a etimologia latina da palavra *educação* como sinônimo de cultivo:

dicionarizada em português no século XVII, [sua etimologia] é latina: *educatio*, sinônimo de ação de criar ou de nutrir, cultura, cultivo. Designa um ato ou um processo e um efeito. Educação, ao mesmo tempo, significa o ato ou processo de educar ou educar-se e o conhecimento e desenvolvimento resultantes desse ato ou processo. (AMORIM, 2014, p. 1113)

Ela também chama a atenção para o fato de que tanto quem educa (educador) quanto quem é educado (educando) podem ser a mesma pessoa e que esse processo pode se dar tanto em um espaço institucionalizado e reservado para tal — como a escola — quanto a partir da(s) experiência(s) da vida social. Paulo Freire também aponta para essa dialogicidade entre aquele que educa e aquele que é educado, como veremos no próximo tópico. Os papéis se mesclam e, ao final, ambos aprendem pelo encontro.

Há, no entanto, diferentes concepções sobre o que é e para quê serve a educação, bem como quanto à sua origem etimológica. José Pacheco, educador português e criador da Escola da Ponte, escreve em seu *Pequeno Dicionário dos Absurdos* (2009b, p.71) que Educação “vem do latim *educare* (ou será *educere*?...), que significa instruir, formar.” O *site* *Origem da Palavra* explica o conceito de *educere*, que

em Latim, queria dizer “educar, instruir” e também “criar”. Essa palavra era composta por *ex*, “fora”, e *ducere*, “guiar, conduzir, liderar”. Parece que eles tinham a idéia de que introduzir alguém ao mundo através da instrução era como “levar uma pessoa para fora” de si mesma, mostrar o que mais existe além dela. (EDUCAÇÃO, 2015)

Logo, se decomposta pelos radicais latinos *ex* + *ducere*, a educação significa “condução para o que está fora”. Isto é, a educação como fuga de si para compreensão de

algo que vai além do eu. De fato, é o que parece ter sido colocado em vigor no modelo de escola que prevaleceu por alguns séculos — e que ainda prevalece, que baseava-se/baseia-se na Ciência Moderna (séc XVII), em seu paradigma antropocêntrico-racional e no modelo cartesiano/newtoniano e mecanicista /reducionista em que se divide um objeto em partes para melhor compreendê-lo (FERNANDINO, 2011, p. 9).

Comunicação não se restringe à *informação*, bem como *educação* não é só *ensino*. Enquanto *educação* e *comunicação* são processos, *ensino* e *informação* são alguns dos produtos possíveis desses processos. Reduzir o processo a um de seus produtos é se privar da complexidade e da riqueza que cada um tem para contribuir em nossas vidas.

Pierre Weil, psicólogo francês, educador holístico, fundador da Fundação Cidade da Paz e da Universidade Holística Internacional de Brasília, em seu livro *A arte de viver em Paz* (1993), explica mais claramente essa diferença entre *educação* e *ensino*. Para ele,

o ensino se dirige exclusivamente às funções intelectuais e sensoriais. Trata-se de uma simples transmissão mental, que aumenta o volume de conhecimentos ou forma opiniões. Esse papel está tradicionalmente ligado à escola. Paralelamente a ela, existe a família, à qual cabe ocupar-se do caráter, isto é, dos sentimentos e emoções, hábitos e atitudes interiores. Pais e mães incorporam o papel de agentes auxiliares dos professores. Assim, um volume enorme de funções que seriam da escola invade a relação doméstica. Resulta daí uma cisão entre pensamento, opinião e atitudes racionais (formados pela escola) e hábitos e comportamentos (formados pela família). (WEIL, 1993, p. 38-39)

José Pacheco, *Dicionário das Utopias da Educação* (2009a), define o termo *ensino*:

É aquilo que, supostamente, os professores fazem. Mas sabemos que, em muitas escolas que ainda temos, isso raramente acontece. Felizmente para os professores transmissores, os alunos ainda fingem que aprendem. E outros modos de ensinar se insinuam, ainda que alguns ainda recusem ver. (PACHECO, 2009a, p. 16)

Esse tipo de *educação* fragmentada, que privilegia a função psíquica racional e delega à família as demais — sensação, sentimento e intuição — é “o abismo que separa a escola da vida, a insignificância de seus conteúdos, que coloca essa [forma de] escola em discussão” (FERREIRA JR, 2009, p. 11).

“Quando *educação* se confunde com *ensino*, a ênfase está na razão” (WEIL, 1993, p. 39). Um dos modelos que se *insinuam* e já se faz real em determinados contextos é a abordagem holística. Essa linha acredita no potencial humano para a transformação e demonstra que cada situação de existência, todas as experiências e saberes acumulados, são parte do *processo* da *educação*.

Holismo vem do grego *holon* ou *holikos*, e se refere ao todo, inteiro, integral, totalidade, universal. (FERNANDINO, 2011, MULLER apud WEIL, 1993). E segundo essa visão, na educação ativa ou nova é

o estudante quem trabalha, faz as pesquisas, as visitas, as observações sobre o terreno, os relatórios. Às vezes, é ele quem dá uma lição. O professor se transforma em perito, em conselheiro. Ele orienta mais do que ensina, dá exemplos por meio do próprio comportamento, mostra que tem profundamente integrados nele mesmo os princípios que recomenda. (WEIL, 1993, p. 43)

O processo de transformação da consciência é constante e o estudante participa ativamente, dirigindo sua própria evolução. No quadro abaixo (Tab. 2), desenvolvido pelo próprio Weil (1993, p. 44), percebe-se as diferentes concepções de educação, segundo o paradigma racional e o paradigma holístico.

O ANTIGO E O NOVO PARADIGMA EM EDUCAÇÃO
Quadro sinótico

	Antigo Paradigma	Paradigma Holístico
Conceito de educação	Informação. Ensino limitado ao intelecto. Instrução dirigindo-se à memória e à razão.	Formação. Educação da pessoa. Processo de harmonização e de pleno desenvolvimento da sensação, do sentimento, da razão e da intuição.
Conceito de estudante	Aluno considerado como "objeto" de ensino, como mecanismo automático de registro.	Educando considerado como sujeito estudando, participante ativo do processo educativo.
Sistema nervoso	Lado esquerdo do cérebro.	Lado esquerdo e direito. Todo o sistema nervoso cerebrosinal.
Campo de ação	Aquisição de conhecimentos; ênfase sobre o conteúdo. Mudança de opiniões.	Transformação da personalidade em seu conjunto. Mudança de opiniões, de atitude e de comportamento efetivo.
Agente educativo	A escola como agente de educação intelectual, a família como auxiliar da escola. O professor como "docente".	A família, a escola e a sociedade em um esforço concentrado. O educador como animador, facilitador, focalizador, ou mesmo catalisador de evolução.
Conceito de evolução	A evolução pára na adolescência. Maturidade limitada ao intelecto, à capacidade de procriar e de trabalhar. Esta evolução é pessoal.	A evolução continua no adulto. Maturidade vista como um estado de consciência ampliado, de harmonia, de plenitude e de paz de natureza pessoal e transpessoal.
Tipo de formação Orientação de valores	Predominância da especialização. Valores pragmáticos: consumismo, competição, poder, possessividade, celebridade.	Formação geral precede à especialização. Valores pragmáticos e éticos: simplicidade voluntária, cooperação, generosidade, igualdade, equanimidade.
Métodos de educação	Exposição verbal, oral, complementada por livros e manuais. Método passivo. Recompensas e punições em um sistema seletivo e competitivo. O professor ensina, o aluno escuta. Escola separada da comunidade. O professor "induz" opiniões, atitudes e mudanças de comportamentos.	Pesquisa e trabalho individual e de grupo. Exposições verbais e orais pelos estudantes e pelo professor. Método ativo. Métodos audiovisuais. Exposições, excursões, visitas. O estudante é ativo, pesquisa e ensina aos outros. O professor como conselheiro, consulente, orientador. Escola integrada à comunidade. O educar é um exemplo da integração de princípios e comportamentos que ela recomenda.

Ao considerar o aluno como sujeito de sua própria aprendizagem, entender a educação como transformação individual, e o “eu” como estritamente conectado aos outros e à realidade circundante, Paulo Freire é referência fundadora desses princípios de diálogo com sua pedagogia libertadora.

1.2.2 PAULO FREIRE E A PEDAGOGIA LIBERTADORA

*Como seres humanos a nossa grandeza reside não tanto
em ser capazes de refazer o mundo
mas em sermos capazes de nos refazermos
a nós mesmos.*
Mahatma Gandhi

Educador brasileiro, filósofo da libertação e reconhecido internacionalmente como pioneiro da pedagogia crítica, Paulo Freire, desde seus tempos de faculdade de Direito, teve a educação como interesse. Dentre suas contribuições, ele refletiu sobre a importância da comunicação no processo básico do ato do conhecer, contribuindo para o pensamento sobre a comunicação como social, igualitária, dialógica e libertadora, inspirando também experiências no campo da comunicação e educação populares.

Produziu uma ruptura no percurso histórico tanto da comunicação quanto da educação e, assim, “mais do que inaugurar um pensamento dialógico, democrático e libertador na pedagogia nacional e latino-americana, transformou-se em um marco na história da educação” (SARTORI; SOARES, s/d, p. 9).

Paulo Freire tinha a visão de que nós, seres humanos, somos seres em permanente inconclusão, em permanente processo de vir-a-ser, de Ser mais. Como seres inacabados, nossa plenitude se encontra na ligação com o Criador e dessa ligação a essência nunca será de dominação/dominado, mas de libertação (Filosofia da Libertação).

Tendo consciência que todos estamos interligados por nossa ligação individual com o próprio Criador, não é — ou não deveria ser — possível nos relacionarmos mutuamente em forma de opressão. No entanto, essa realidade de opressão pode ser identificada como uma constante na maior parte da história humana.

Preocupado com essa constatação, ele escreve o livro *Pedagogia do Oprimido*. Uma atenção que é dada por Coelho, Santos e Barbosa em seu texto *O mundo não é, o mundo está sendo* (2010), é que Freire escreve pedagogia *do* oprimido, e não uma pedagogia *para o* oprimido, o que quer dizer que

o mesmo Ser que oprime em determinado momento pode ser oprimido em outra circunstância. O que ele buscava era, sobretudo, que as pessoas se colocassem a caminho e construíssem um rompimento com esse estado de injustiças e, num processo educativo, sobrepujasse por meio de uma educação como prática libertadora, e não domesticadora. (COELHO; SANTOS; BARBOSA, 2010, p. 5)

A opressão é uma questão social e, portanto, relacional. A educação é entendida então como prática libertadora da opressão já existente; seu objetivo é que os oprimidos recuperem a sua humanidade, e não que virem opressores de seus próprios opressores — ou mesmo que se imaginem como tal. Ao restaurar sua humanidade, eles libertam a si e aos opressores que, por se encontrarem oprimidos pelo seu próprio papel de opressão, não conseguem se auto-libertar.

Faz-se necessário então um engajamento constante desses que foram/são de alguma forma oprimidos como agentes de conscientização da complexidade da vida e dos laços invisíveis que nos unem mutuamente.

É que, se os homens são estes seres da busca e se sua vocação ontológica é humanizar-se, podem, cedo ou tarde, perceber a contradição em que a “educação bancária” pretende mantê-los e engajar-se na luta por sua libertação. Um educador humanista, revolucionário, não há de esperar esta possibilidade. Sua ação, identificando-se, desde logo, com a dos educandos, deve orientar-se no sentido da doação, da entrega do saber. Sua ação deve estar infundida da profunda crença nos homens. Crença no seu poder criador. (FREIRE, 2014b, p. 86)

Assim como viveu, Freire pregou a *práxis*, i.e. a prática refletida, o ser-sendo, o que ele julgava como tarefa filosófico-educativa de transformação de si e do mundo. “A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer” (FREIRE, 2014a, p. 39). Acreditava que pelo encontro de sujeitos em diálogo superamos a contradição educador-educando, e transformamos a consciência ingênua em crítica: nos *trans-formamos*.

Ele deu à palavra “educador” um novo significado, flexionando o termo de modo a abraçar múltiplas perspectivas: intelectual, fronteiriço, ativista social, pesquisador crítico, agente moral, filósofo radical, revolucionário político. Mais do que qualquer outro educador deste século, Freire conseguiu desenvolver uma pedagogia da resistência à opressão. Além disso, ele viveu aquilo que ensinava. Sua vida foi uma

história de coragem, padecimento, perseverança e crença inquebrantável no poder do amor. (MCLAREN *apud* COELHO; SANTOS; BARBOSA, 2010, p. 6)

O mundo humano é o mundo da comunicação e, assim como ele não acredita em uma comunicação passiva, por não haver sujeitos passivos, é justamente ela o elemento que transforma o humano em sujeito da sua própria história. A educação é *transitiva*: demanda tomada de consciência, atitude crítica e ação transformadora. A educação é comunicação: busca a significação dos significados e tem a práxis como constante.

Não há inteligência — a não ser quanto o próprio processo de interagir é distorcido — que não seja também *comunicação* do inteligido. A grande tarefa do sujeito que pensa certo não é *transferir, depositar, oferecer, doar* ao outro, tomado como paciente de seu pensar, a inteligibilidade das coisas, dos fatos, dos conceitos. A tarefa coerente do educador que pensa certo é, exercendo como ser humano a irrecusável prática de interagir, desafiar o educando com quem se comunica, a quem comunica, a produzir sua compreensão do que vem sendo comunicado. Não há inteligibilidade que não seja comunicação e intercomunicação e que não se funde na dialogicidade. (FREIRE, 2014a, p. 38-39)

Diferentemente de educações dominadoras, transmissoras, culturalmente invasivas, antidialógicas, manipuladoras e domesticadoras, em que os conteúdos são transmitidos de forma vertical e unidirecional, a verdadeira educação se faz pela perspectiva humanista; é problematizadora-libertadora, busca desvelar o mundo por meio do encontro, da coparticipação, da horizontalidade e, por consequência, pelo *diálogo*.

O diálogo, ou a *ação dialógica*, para Freire, é a base da autêntica educação e tem como características a *colaboração* dos sujeitos em relação, a *união*, a *organização* e a *síntese cultural* (Tab. 3); é pela co-laboração (trabalhar junto) entre sujeitos que se encontram unidos (em si mesmos, como ser inteiro, ao mesmo tempo relação aos demais) que há a organização em consenso, para a libertação e transformação.

Como o homem é um ser social, ele só se realiza em sociedade, e a esfera pessoal só se torna plena quando inserida no todo, quando conectada ao outro, e dessa relação igualitária e dialogal tem-se a corresponsabilidade pela práxis político-transformadora: a consciência crítica da construção de conhecimento e a superação do que se vive.

Já no final da vida, Freire lança um pequeno livro que desejava ver conhecido e lido pelos professores e então solicita aos editores, que fosse construído em papel jornal e que custasse \$3,00 e assim se fez e o livro atinge um milhão de cópias. Estava lançada a *Pedagogia da autonomia* (1997). Quando sua saúde já estava frágil, lá vem Paulo Freire afirmando a importância da autonomia existente. A existência só tem sentido se vivida para a autonomia. O educando constrói junto com o educador a sua própria autonomia. O método de Paulo Freire reafirma-se não como um

método de ensino, tampouco de uma aprendizagem qualquer, mas da aprendizagem significativa do Ser, de um Ser mais.(COELHO; SANTOS; BARBOSA, 2010, p. 8)

Pelo diálogo o educador obtém o *universo vocabular local* e tem acesso à *realidade* em que o educando se encontra para, a partir deles, construir os temas geradores. É uma educação *problematizadora* por ser calcada no viver, reflexiva da própria experiência prática do educando e, ao mesmo tempo pessoal: cada pessoa tem uma experiência única, portando terá um saber e reflexão únicos.

No quadro abaixo, salientamos as diferenças apontadas por Freire em seu livro *Pedagogia do Oprimido* (2014b) entre ação dialógica e ação antidialógica.

TEORIA	Ação Dialógica	Ação Antidialógica
Característica	Co-laboração	Conquista (um sobre o outro)
Eu + tu	Entre sujeitos	Sujeito vira objeto
Eu	Unificação do <i>eu</i> , como sujeito. Se individual verdadeiramente. Futuro se constrói com a união com os outros.	<i>Eu</i> dividido entre o passado e o presente, sem perspectiva de futuro. Não se reconhece <i>sendo</i>
Massas aos ideais revolucionários	Adesão: coincidência livre de opções	Conquista, adesão conquistada: aderência
Práxis	Libertadora, se encontra sob força do poder	Opressora, conta com instrumentos do poder
Ação	Unificadora	Divisória
Liderança	<ul style="list-style-type: none"> • Não comanda, "libertação" é um presente, converte os demais em co-autores do processo • Esforço incansável da união dos oprimidos entre si, e deles com ela, para a libertação • Baseada na autoridade e liberdade 	<ul style="list-style-type: none"> • Messianismo salvador, dirigismos • Divisão dos oprimidos para manter a opressão • Baseada no autoritarismo, na coisificação
Autoridade	Por delegação ou adesão simpática	Por transferência ou imposição "antipática"
Realidade	Desvelamento do mundo	Mitificação do mundo
Estrutura social	Mudança	Permanência
Unidade interna	Só existe através da união da liderança com as massas	Antagonismo frente as massas populares
Condição indispensável	Testemunho >> organização	Manipulação >> conquista
Problematizar	Exercer uma análise crítica sobre a realidade do problema; ênfase em aspectos fundamentais	Sloganizar, caráter puramente mecanicista
Resultado	Revolução	Dominação
Fim último	Consciência e transformação para a liberdade (libertação)	Alienação e opressão

Tabela 3 - Ação dialógica x ação antidialógica.

É uma educação que *acredita que a mudança é possível*, e parte de cada um. Somos todos e individualmente sujeitos da transformação do mundo, pela qual nos humanizamos. Não tem começo ou fim: sou humano, Sujeito pelo diálogo, ao transformar o mundo, sou transformado por ele, e, uma vez que o mundo não é estático e inacabado, muito menos eu, pela transformação pessoal, transformo novamente o mundo.

É o saber da história como possibilidade e não como *determinação*. O mundo não é. O mundo está sendo. Como subjetividade curiosa, inteligente, interferido na objetividade com que dialeticamente me relaciono, meu papel no mundo não é só o de quem constata o que ocorre, mas também o de quem intervém como sujeito de ocorrências. Não sou apenas *objeto* da história, mas seu sujeito igualmente. No mundo da história, da cultura, da política, *constato* para não me *adaptar*, mas para *mudar*. (...) Constatando, nos tornamos capazes de *intervir* na realidade, tarefa incomparavelmente mais complexa e geradora de novos saberes do que simplesmente me adaptar a ela. (...) Não posso estar no mundo de luvas nas mãos constatando apenas. A acomodação em mim é apenas caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade. (FREIRE, 2014a, p. 75)

Paulo Freire revolucionou a pedagogia nacional e latino-americana, ao reavivar a importância da coparticipação dos sujeitos no ato de conhecer. Seu projeto educacional

visava o fim da opressão e das desigualdades sociais por intermédio do desenvolvimento da consciência crítica e histórica. Suas bases alicerçavam-se em uma teoria do conhecimento que se pautava pelo respeito ao educando, pela busca da autonomia, e pela dialogicidade, a partir de um pensamento crítico e libertador, na busca pela igualdade, justiça e união, pressupostos orientadores na construção de novos paradigmas educacionais. (SARTORI; SOARES, s/d, p. 9)

Ao afirmar que educação é comunicação, Paulo Freire “cultivou o solo” para que outros teóricos continuassem a descoberta e “nutrição” das interrelações entre a *comunicação* como elemento fundante e transformador de seres humanos em Sujeitos e a *educação* como construção compartilhada de conhecimento mediada por relações dialéticas e dialógicas — a que se deu o nome de *educomunicação*.

1.3 A EDUCOMUNICAÇÃO

O ato de educar é um ato de comunicação.
Paulo Freire

1.3.1 ORIGENS E CONCEITOS

Segundo Sartori e Soares (2014), o século XX apresentou-se com significativas mudanças nos âmbito social, econômico, político e cultural; muitas delas relacionadas às tecnologias da comunicação e da informação (TICs). “Elas reorganizaram práticas, vivências, estruturas, infiltrando-se em praticamente todos os setores da sociedade, alterando rotinas sedimentadas tanto na vida empresarial quanto na particular” (SARTORI; SOARES, 2014, p. 1). Dada a onipresença dos meios de comunicação e suas profundas consequências na vida individual e coletiva — inclusive na educação (*Ibidem*, p. 2), pesquisadores da Comunicação e da Educação

debruçaram-se, desde então, sobre o impactos dos meios modernos de comunicação na constituição cognitiva dos sujeitos, sob um prisma, e, no sentido anverso, nos processos comunicativos envolvidos na relação de ensino-aprendizagem mediado presente no espaço formal, informal e não-formal. (MESSIAS, 2015, p. 1)

Para além dos impactos dos avanços tecnológicos das TICs, a Comunicação também pode ser estudada sob a luz de sua relação com a Educação. Fruto do relacionamento entre essas duas áreas do campo das Ciências Sociais Aplicadas, surge um novo campo teórico-prático, maior do que a simples somas de ambas: a Educomunicação — inspirada no termo *educomunicador*, cunhado por Mario Kaplún⁸.

Segundo o Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da ECA/USP, educomunicação

designa um campo de ação emergente na interface entre os tradicionais campos da educação e da comunicação, [e] apresenta-se, hoje, como um excelente caminho de renovação das práticas sociais que objetivam ampliar as condições de expressão de todos os seguimentos humanos, especialmente da infância e juventude. (SOARES, 2011, p. 15)

Ainda segundo o NCE/USP, o neologismo *Educommunication* era visto, pela UNESCO, na década de 80, como sinônimo para *Media Education*, isto é, era entendido como relacionado aos efeitos dos meios de comunicação no processo educativo. Porém, entre

⁸ Conforme veremos no próximo tópico.

1997 e 1999, o Núcleo realizou uma pesquisa e identificou a prática como mais abrangente: “a comunicação como eixo transversal das atividades de transformação social” (*Ibidem*, p. 11), fato que fez com que houvesse uma ressemantização do termo como *conjunto de práticas e ações que articulam sujeitos sociais na interface educação/comunicação*.

Francisco da Costa, organizador do livro *Educomunicação socioambiental* (2008), no qual é organizador, nos conta que é em 1999, com a conclusão do Projeto Perfil, que Ismar Soares — referência brasileira na área de educomunicação — apresenta academicamente o termo, sem, no entanto, criar a área de conhecimento,

mas tentando legitimar práticas dos comunicadores populares e sistematizar o movimento social em torno do que até então também era chamado de comunicação/educação ou inter-relação (sic) comunicação e educação. Soares, então, disse que existe um campo emergente de intervenção social cuja prática é realizada por alguém denominado educador. O termo *educador* é mais amplo que comunicador popular. (COSTA, 2008, s/p)

Em seu livro homônimo (2011), bem como no artigo *Mas, afinal, o que é educomunicação?* (2015), Soares define o novo campo como um conjunto das ações com quatro finalidades: (1) integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação — construindo o diálogo entre os dois campos, (2) criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos (rever e inovar em relações comunicacionais) — educação como campo de interface, (3) melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas — a educomunicação nos distintos âmbitos da prática educativa, e (4) formar o professor-educador.

Costa apresenta a Educomunicação proposta por Soares em cinco sub-áreas: (1) expressão comunicativa, (2) educação para a mídia, (3) mediação tecnológica nos espaços educativos, (4) gestão da comunicação nos espaços educativos e (5) reflexão epistemológica sobre o campo da Educomunicação.

Nosso esforço se concentrará na reflexão do campo da Educomunicação, entendida aqui sob a luz da *comunicação educativa* de Kaplún. Em um segundo momento, nos propomos a ensaiar uma Pedagogia do Diálogo.

Assim como Rosalia Duarte (2015), ao refletir sobre as relações entre Educação e Comunicação, concordamos que *a educação é um ato comunicativo e a comunicação é um ato educativo*. Como arte ou prática, elas são complementares. Tendo como referência a obra de Mario Kaplún, educador popular e teórico argentino que definiu e aplicou a

educomunicação, apresentaremos na sequência uma síntese de sua teoria sobre a *comunicação educativa*.

1.3.2 MARIO KAPLÚN E A COMUNICAÇÃO EDUCATIVA

Mario Kaplún foi comunicador, educador e pensador que refletiu sobre o papel dos meios de comunicação, jornalismo comunitário, influência da mídia, imprensa alternativa, a educação e comunicação popular, e a relação entre comunicação e educação. É atribuída a ele a utilização, pela primeira vez, do termo *educomunicador*, fato que inspirou o posterior uso e conceituação do termo *educomunicação*. Sua pesquisa teórica está intimamente ligada à sua prática como comunicador, educador e educomunicador e — defensor da práxis freiriana — sua vida é exemplo de caminhada que honra tanto as áreas de Comunicação e Educação, quanto as experiências práticas, dialógicas e teóricas.

A partir da vida de Kaplún e de suas principais reflexões podemos perceber, antes de qualquer outra qualidade, a coerência de quem escreveu ou mesmo ensinou aquilo que viveu. (...) fazer a caminhada enquanto anda, prestando atenção aos sinais e às necessidades “educomunicativas” que surgem ao redor. (BONA; CONTEÇOTE; COSTA, 2007, p. 183)

No livro “Una pedagogia de la Comunicación” (1998), Kaplún traz a contribuição para a monografia em questão: compara três tipos de educação a três concepções/práticas de comunicação.

Em primeiro lugar, quando fazemos comunicação educativa, estamos sempre buscando, de uma ou outra maneira, um resultado formativo. Dizemos que produzimos nossas mensagens ‘para que os destinatários tomem consciência de sua realidade’, ou ‘para suscitar uma reflexão’, ou ‘para gerar uma discussão’. Concebemos, pois, os meios de comunicação que realizamos como instrumentos para uma educação popular como alimentadores de um processo educativo transformador. É bom, então, que comecemos clareando como vemos a educação; que concepção de educação subjaz em nossas práticas de comunicação. (KAPLÚN, 1998, p. 17, *tradução nossa*.)

A primeira linha que aparece é a dita *tradicional*. Tanto na área de Comunicação quanto na Educação, existem as vertentes que vêem o processo do conhecer como *transmissão*: a educação enfatiza os conteúdos passados de um professor ao aluno, da “elite instruída às massas ignorantes” (COSTA, 2008) — o que Paulo Freire denominou Educação Bancária — enquanto a comunicação é concebida como transmissão da mensagem (M) do emissor (E) para um receptor (E) — Comunicação Bancária. Tanto na educação quanto na

comunicação a transmissão é de conhecimentos, informações e valores; ambas entendendo a educação/comunicação e o próprio aluno/receptor como mero objeto.

Kaplún chama a atenção para o segundo tipo pois, por ter surgido em reação ao modelo tradicional, pode haver confusão quanto ao seu objetivo essencial. Mesmo a comunicação não sendo mais unidirecional, isto é, há a possibilidade de retroalimentação por parte do destinatário, e que a educação postule uma mudança de atitudes como objetivo e um método ativo de avaliação do resultado, o aluno/receptor continua sendo objeto e sua ênfase é nos *efeitos*. Estevam de Toledo, em sua análise sobre Kaplún, contextualiza o momento histórico em vigor:

É interessante notar, também, que este modelo chegou à América Latina, importando dos Estados Unidos, como resposta do Programa Aliança Para o Progresso ao que se convencionar chamar de “subdesenvolvimento”. Seus mentores pensavam que a solução para a pobreza em que se encontravam nossos países “atrasados e ignorantes” era a modernização, isto é, a adoção de características e métodos de produção dos países capitalistas tidos como “desenvolvidos”. (TOLEDO, 2015, p. 3)

A chamada Comunicação Persuasiva, desse modo, é o planejamento das reações do público Receptor pelo Emissor, através da mensagem com efeito já pré-determinado. Já a educação é mais como uma “engenharia do comportamento”, pela possibilidade de uso da máquina de ensinar e pelo planejamento e programação requeridos — influência da corrente *behaviorista* — que enforma condutas previamente estabelecidas, e, por isso, é chamada Educação dos Efeitos.

A *motivação* fica assegurada na medida em que o sistema apela para mecanismos típicos de estímulo/recompensa, procedimento típico da corrente behaviorista e no qual este modelo se inspira. Aqui, o hábito aparece como ponto crítico do modelo e é expresso através de conduta automática, mecânica, não-reflexiva, não consciente e, portanto, passível de ser condicionada, moldada, estimulada externamente pelo educador a partir de estímulo e recompensa adequados. (TOLEDO, s/d, p. 3)

Enquanto as duas primeiras vertentes fazem parte do *modelo exógeno* (proposto por Dias Bordenave), que vê a educação como objeto, a terceira linha representa o *modelo endógeno*, sendo o educando co-sujeito do processo que é a própria educação. Aqui não se fala em comunicação e educação como áreas distintas, mas como *comunicação educativa* que visa a formação para posterior transformação. A principal referência é Paulo Freire e sua educação libertadora-transformadora. A preocupação é com a interação dialógica e dialética entre indivíduo e coletivo/sociedade, com o desenvolvimento da postura de aprender a

aprender, e a transformação da consciência ingênua em consciência crítica. Kaplún dá importância ao processo de transformação da pessoa e das comunidades:

[A educação] não se preocupa tanto com os conteúdos que vão ser comunicados nem com os efeitos sobre o comportamento, mas com a interação dialética entre as pessoas e sua realidade, com o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais e de sua consciência social. (KAPLÚN, 1998, p. 19, *tradução nossa*)

Mais importante do que conteúdos ou o resultado (fim do processo), o que o educando necessita são de

instrumentos para pensar, para interrelacionar os fatos e estabelecer conseqüências e conclusões; para ser capaz de construir explicação global, uma cosmovisão coerente. Portanto, sua maior carência reside não tanto em dados e noções que ignora, mas nos condicionamentos de seu raciocínio não exercitado que o reduzem somente ao que é capaz de perceber em seu ambiente imediato, de natureza contingencial. (TOLEDO, 2015, p. 4).

O quadro que segue (Tab. 4) ilustra de forma resumida a conceituação de Kaplún sobre os modelos comunicacionais e educacionais. De autoria própria, o quadro foi baseado na separação de Dias Bordenave sobre o trabalho de Mário Kaplún, levando em consideração as teorias de Paulo Freire.

MODELO (Dias Bordenave)	EXÓGENO		ENDÓGENO
	TRADICIONAL	COMPORTAMENTAL	PROCESSUAL
ÊNFASE	EM CONTEÚDOS	EM RESULTADOS	NO PROCESSO
OBJETIVO	PARA INFORMAR	PARA CONFORMAR	PARA (TRANS)FORMAR
Educação	Concepção bancária	Manipuladora	Libertadora- transformadora
Lugar do educando	Objeto	Objeto	Sujeito
Eixo	Professor-texto	O programador, a quem compete realizar planejamento	Sujeito-grupo
Relação professor-aluno	Autoritária-paternalista	Autoritária-paternalista	Interativa, autogestora
Motivação	Modelos livres e programas amplos	Estímulo-resposta como mecanismo de recompensa; hábito	binômio reflexão-ação

Tipo de informação	Transmissão, unidirecional E>R	Retroalimentação, persuasão	Dialógica, comunicação
Grau de participação	Minimizado	Método ativo	Máximo
Criticidade e criatividade	Bloqueadas	Bloqueadas	Altamente estimuladas

Tabela 4 - Modelos comunicacionais e educacionais de Kaplún

Em síntese, as características da *educação transformadora*, calcada na *comunicação educativa*, é uma educação problematizadora, autogerida, e que tem como objetivo um sujeito que pense e que, esse pensar leve-o a transformar sua realidade (KAPLÚN, 1998, p. 53). Para Kaplún, a Pedagogia da Comunicação tem como visão preparar comunicadores na busca/transformação de uma comunicação social dialógica, eficaz, democrática, participativa, empática e transformadora.

1.3.3 POR UMA PEGAGOGIA DO DIÁLOGO

Se faz sentir, faz sentido.

Anônimo

Sentar-se em círculo, compartilhar sonhos, projetos, expectativas, “trocar ideias”, com-partilhar, co-participar da descoberta de si, do outro, do mundo. É importante salientar que muito do que foi aqui relatado como *teoria* é ao mesmo tempo *ação*. Em um *mundo complexo*, em constante *vir-a-ser*, não é compatível com o tudo o que foi retratado até aqui ainda fragmentar o conhecimento, separando o mental das demais funções psíquicas.

Honrando todo o campo teórico-prático comunicativo-educativo-educomunicativo anteriormente exposto e, tendo como visão de futuro a transição rumo ao Holismo e à integração, acreditamos que, ao reafirmar a vida e práxis de autores-pensadores-ativistas como Paulo Freire, Mario Kaplún, Pierre Weil, David Bohm, Marianne Mille Bojer, Heiko Roehl, Marianne Knuth, Colleen Magner, Margaret Wheatley — dentre todos os outros não-citados mais igualmente importantes e essenciais que não caberiam nesse espaço de monografia — que vem na caminhada rumo a processos de autoconhecimento e

autoaceitação, comunicação horizontal e dialógica, educação rumo à integralidade e sabedoria coletiva, estamos contribuindo para esse *campo de práxis da evolução permanente do Ser*.

São muitos os movimentos que honram o humano como ser integral e inteiro, ao mesmo tempo intrinsecamente conecado ao outro e ao ambiente. Alguns exemplos são a *Educação Holística* e a *Transdisciplinaridade*. A primeira procura despertar e desenvolver as demais funções que não a racional: a intuição, a sensação e o sentimento; enquanto a segunda acredita que uma *educação autêntica* “não pode privilegiar a abstração do conhecimento. Ela deve ensinar a contextualizar, concretizar e globalizar. A educação transdisciplinar reavalia o papel da instituição, do imaginário, da sensibilidade e do corpo na transmissão do conhecimento.” (CARTA DA TRANSDISCIPLINARIDADE, 1994)

A ação educativa que se realiza como aprendizagem é mais complexa e compreende a essência da comunicação. Exige a participação plena e intercomunicação frequente entre os diversos parceiros do processo. Todos devem estar envolvidos no mesmo desejo de avançar no conhecimento, ou seja se transmutar, ser diferente. Ser melhor não apenas pelas aquisições cognitivas, mas pela formação ampla da pessoa em termos de valores, comportamentos individuais e sociais, capacidade de crítica e autonomia para pensar e agir. Essa necessidade educacional é inerente ao ser e se apresenta em todos os seus momentos vivências, independente da escolarização. (KENSKI, 2008, p. 651)

Tal qual Paulo Freire, e as inúmeras Pedagogias que ele propôs (da Autonomia, da Liberdade, do Oprimido, dentre outras), também nós reforçamos aqui a proposta de uma nova: a *Pedagogia do Diálogo*. É pelo diálogo que construímos a nós mesmos e o mundo ao nosso redor. O ouvir, igualmente importante, reaparece como acordo recorrente em práticas grupais de conversas com propósito

Liberdade e autonomia são temas-chave para o *desenvolvimento* pessoal e coletivo. A começar pela própria ideia de *comunicação*: nesses casos, a lógica que impera é a do *diálogo*, do ganha-ganha — falo e escuto para ampliar meu ponto de vista e por ter consciência sobre a importância de verdadeiramente escutar. Falar com intenção, ouvir com atenção, estar presente verdadeiramente: são práticas de comunicação que já vão sendo adicionadas a processos *edudialógicos* — se é que me permitem o neologismo — de conversas com propósito e sentido.

Não há pedagogia ou didática que seja capaz de dar vida a um conhecimento morto. Acontece, então, o esquecimento: o supostamente aprendido é esquecido. Não por memória fraca; é esquecido porque a memória é inteligente. A memória não carrega

conhecimentos que não fazem sentido e não podem ser usados [...] O aprendido é aquilo que fica depois que tudo foi esquecido. (ALVES apud DANTAS; CAVALCANTE JR, 2009, p. 192)

A curiosidade é a chave que desencadeia o processo da aprendizagem, que não acontece só. Uma vez que estamos interligados, não é compatível um pensar individual, fragmentado. Precisamos ser-em-comum, ser em relação ao outro, colocar-em-comum, reconhecer a conexão pessoal (parte) com os outros e o meio no qual estamos inseridos (todo).

É preciso pensar em novas formas de nos entender baseadas na lógica da *comunicação colaborativa*, em que o diálogo cumpre papel essencial. Mais do que o uso de técnicas, metodologias ou tecnologias, a *problematização* e a *conscientização* a que se referia Paulo Freire, são fundamentais no ato pedagógico e comunicativo.

Considerando que nossa aprendizagem acontece em todos os lugares e tempo, nossa tarefa maior é cocriar espaços onde todos nós possamos expressar toda a nossa inteireza. Saindo então do paradigma linear de educação que não considera os sonhos, as idéias, os desejos, a curiosidade, a expressão das experiências pessoais, dos sentidos e dos sentimentos porque não tem espaço para a expressão do erro, da ousadia, do amor. (QUERER, 2013, p. 124)

A busca é de uma harmonia, integração, em que uma função psíquica ou saber não seja destacada/o em relação às/aos demais, da forma como que por muito tempo tem prevalecido. A lógica do ganha-ganha que aqui defendemos e tentamos retratar tem como princípio o terceiro incluído: isto e aquilo, logo esse referencial se mostrou como teoria mas se materializa em prática por meio das metodologias de diálogo que seguem e foram experienciadas e podem ser conferidas na jornada de experiências. Reconhecer em profundidade, se libertar, promover encontros e conversas significativas em processos educacionais, que podem acontecer em qualquer lugar. Educar para aprender sim, mas não só conteúdos, aprender também valores, sensibilidades, comportamentos e práticas em múltiplos caminhos e abordagens. (KENSKI, 2008).

2 A ARTE DAS CONVERSAS SIGNIFICATIVAS

*É claro que se pretendemos viver em harmonia
com nós mesmos e com a natureza, devemos ser capazes
de nos comunicar livremente
num movimento criativo, no qual ninguém adere em definitivo às suas idéias
nem as defende de maneira radical.
Por que é tão difícil, na prática, comunicar-se dessa maneira?*
David Bohm

*Conversar juntos é uma maneira de pensar juntos,
e pensar juntos cria essas novas possibilidades
que não poderiam brotar de uma única pessoa.*
Kathryn Jourdain

Para explorar a experiência de conversas significativas como geradoras de novos conhecimentos e colaboradoras para o processo contínuo da aprendizagem, ao invés do papel do professor ou mestre convencional, trabalharemos com a imagem do educador descrita por Weil (conforme descrita na Tab. 2, p.30), isto é, o animador, facilitador, focalizador ou catalisador de evolução, que chamaremos de *anfitrião*. Mas antes de entrar na figura do anfitrião, precisamos contextualizar o entorno, o espaço onde acontecem essas conversas: o grupo. Não há como falar de conversas significativas sem falar sobre o *contexto* de interrelação quando “dois ou mais estão reunidos” e que algo novo emerge.

Há quem diga que o indivíduo não existe fora do grupo (PAGES, 1982)⁹ ou que não há pensamento isolado, uma vez que não há homem isolado (FREIRE), e a humanidade é o verdadeiro grupo, no qual todos estamos inseridos. A experiência de nos encontrarmos reunidos nos conscientiza sobre o fato de pertencermos a algo maior — o que nos tira de um possível estado de se sentir superior ou “especial”, nos aprofunda nas relações interpessoais (envolvimento), nos dá a ferramenta e a força necessária para intervir (autogestão) na realidade e nos reposicionar como sujeitos, aumentando o nosso autoconhecimento e desenvolvimento de autenticidade/espontaneidade.

Comunidade de prática é um tipo de organização grupal. Baseada em relações de confiança, é uma resposta à complexidade dos problemas atuais.

Uma Comunidade de Prática é uma forma de organização que nos ajuda com compartilhamento de conhecimentos, aprendizagens e mudança. Trata-se, em geral, de um grupo auto-organizado de pessoas que se reúnem para compartilhar

⁹ PAGES, 1982 *apud* SANTOS; COELHO; ALVES, 2012.

conhecimento sobre um campo ou prática em particular. (BOJER *et. al.*, 2010, p. 144)

Essas comunidades ou grupos, são no geral formados com um propósito claro e com prática(s) específica(s). A premissa básica é de que o conhecimento não pode mais ser entendido fragmentado e pronto, pelo contrário, ele é vivo, tácito e contextual e reside sobretudo nas pessoas (BOJER *et al.*, 2010), por isso ele pode ser compartilhado — por meio espaços de diálogo.

Há uma maior segurança e engajamento quando o assunto é próximo à realidade dos que conversam. Todos podem falar, contanto que seja mantido o respeito pela fala do outro: um de cada vez. Em uma disposição circular, todos temos a mesma responsabilidade pelo saber, somos “aprendentes e ensinantes” (SANTOS; COELHO; ALVES, 2012, p. 55) ao mesmo tempo.

Um grupo que se encontra com o intuito de firmar conversas com significado normalmente tem um estrutura que conta com (1) propósito que chama ao diálogo; (2) facilitador que tenha como requisitos “capacidade de descentralizar o processo de produção de conhecimento, [e] ter conhecimentos das técnicas que poderiam facilitar este processo de construção coletiva” (*Ibidem*, p. 57), além de ser atento ao andamento do grupo; (3) palavras e/ou perguntas-geradoras que atuam como “costura” e “provocação” à construção coletiva do conhecimento; (4) uma escuta atenta e ativa para acolher as diferentes proposições; e (5) a sistematização dos conhecimentos cocriados.

Ao relatar uma experiência de aprendizagem ativa baseada em grupos dentro de sala de aula, Santos, Coelho e Alves (2012) relatam que os próprios *aprendentes* ressaltaram como características

a *dialogicidade*, ou seja, a importância do processo de participação e socialização das informações era uma condição fundamental para o desenvolvimentos das atividades em grupo. Perceberam ainda que a *autenticidade* se apresentava como uma condição sine qua non para a efetividade dessas trocas, e que era necessário um *espaço de abertura e debate* para sua efetivação. A percepção de que o *conhecimento inacabado e dinâmico* é uma realidade em conflito com o modelo tradicional ficou evidente e foi objeto de discussão final. Junto com essa descoberta, os alunos verificaram a importância da *reaprendizagem*, ou a ruptura da estereotipia, como possibilidade de fazer advir o novo. E, por último, mas não menos importante, a *percepção de si como elemento facilitador* do processo de construção do conhecimento nos grupos. (*Ibidem*, p. 59)

Dessa percepção do grupo como elemento catalizador de novas percepções e conhecimentos, surge uma comunidade de aprendizagem que se denomina *Art of Hosting*.

2.1 COMUNIDADE INTERNACIONAL: ART OF HOSTING

*Aos poucos, emergiu o sentimento de que se tratava de algo mais importante:
o despertar do processo do diálogo em si mesmo,
como um livre fluxo de significados entre todos os participantes.
No começo, as pessoas expressavam posições fixas que tendiam a defender;
mas em seguida tornou-se claro que era fundamental manter o sentimento de amizade
no grupo e não apenas sustentar pontos de vista.
Essa amizade era difusa, no sentido de que seu estabelecimento
não dependia de relacionamentos interpessoais estreitos.
Assim, uma nova espécie de mentalidade começa a surgir;
com base no desenvolvimento de um significado comum
que está em constante transformação no processo do diálogo.*

Lee Nichol

Arte de Anfitriar Conversas Significativas e Colher Resultados que Importam — essa é a tradução para *Art of Hosting Meaningful Conversations* ou *Art of Hosting and Harvesting Conversations that Matter* — é uma comunidade de praticantes de processos de diálogo que se nomeiam também pela abreviação (em inglês, língua original) *Art of Hosting* ou *AoH*.

Inicialmente pessoas praticantes de conversas orientadas por uma visão sistêmica, eles colaboraram para o surgimento e desenvolvimento de algumas *tecnologias sociais de diálogo e conversação* — tais como *Círculo, Espaço Aberto, Café do Mundo*, que veremos na sequência, dentre outras. Estas metodologias apoiam a criação de “campos” ou “espaços” onde a inteligência coletiva é acessada e um novo nível de entendimento emerge do encontro. São também ferramentas para ação, uma vez que são colocadas em prática de fato para a busca de soluções para problemas reais, promovem o engajamento de grupos de pessoas em conversas estratégicas, onde a sabedoria coletiva pode ser colocada à serviço de descobertas e possuem propósitos em comum.

A Arte de Anfitriar Conversas Significativas foi descoberta dentro de um campo de praticantes, em conversas entre amigos, histórias compartilhadas, aprendendo e ouvindo juntos, com vontade de contribuir e fazendo perguntas significativas. A rede surgiu organicamente, ainda antes de ser chamada *Art of Hosting*, quando praticantes de processos de diálogo se reuniram para investigarem juntos o que faziam de diferente e quais eram as condições que contribuía para o sucesso de seu trabalho de consultoria ou com processos. Eles criavam condições para a ocorrência de conversas relevantes e significativas, de forma que (...) eram diferentes e mais impactantes do que as que haviam tradicionalmente. (*Art of Hosting* Floripa, 2013, p. 12)

Os praticantes foram chamados *anfitriões*, isto é, aqueles que convidam e recebem pessoas para conversas qualificadas pelo diálogo. Interessados em processos coletivos de governança/liderança, tomadas de decisão, desenvolvimento humano e organizacional,

diálogo e aprendizagem, esses anfitriões assumem diversas carreiras e posições, mas no círculo de conversas significativas, segundo a comunidade *AoH*, são apenas “curiosos”, trilhando o caminho das conversas com significado, guiados pelas questões que realmente importam e trazendo à tona “padrões mais profundos que estão além das metodologias, assim como a estrutura fundamental dos encontros humanos colaborativos e transformadores” (*Ibidem*, p. 13).

Constituída por gestores, formadores, professores, consultores, políticos, empreendedores, inovadores sociais, trabalhadores da juventude, e articuladores, a comunidade *AoH* procura, na prática, juntar mais e mais pessoas em conversações significativas: incitar o envolvimento sincero nas questões, promover a inteligência coletiva que resulta na cocriação de soluções que precisam ser encontradas. Baseadas no diálogo, com a fala intencional (falar quando você tem realmente algo a acrescentar) e escuta atenta (compreender) como práticas básicas, estas conversas permitem a descoberta, e não o convencimento.

A *AoH* pode ser entendido também como a Arte da Liderança Colaborativa, que tem como essência o cuidado, cocriando conceitos e práticas inovadoras na busca da ativação da sabedoria e da inteligência coletivas, na compreensão de problemas individuais e complexos da sociedade, promovendo o sentido e a profundidade nas relações e ações — e sua interdependência — como já visto na seção 1.1.3 sobre formas de conversa.

A grande contribuição da comunidade de conversas significativas *AoH* está na possibilidade de estender seus processos e metodologias de diálogo a todos os domínios das relações interpessoais que vivemos. No próximo tópico, abordamos os princípios que norteiam esses e outros processos dialógicos.

2.2 PRINCÍPIOS DE PROCESSOS DE DIÁLOGO

*Todas as ferramentas visam à facilitação da comunicação franca,
da fala honesta e da escuta genuína.
Elas permitem que as pessoas se responsabilizem
por seu próprio aprendizado e por suas próprias ideias.
Criam um espaço seguro para que seja possível trazer à tona
suposições e hipóteses, para questionar suas percepções,
seus julgamentos ou suas visões de mundo,
bem como para mudar o modo de pensar. Essas ferramentas
geram ideias ou soluções que ultrapassam o que já tinha sido pensado,
criam um nível diferente de entendimento dos seres humanos e de seus problemas,
e favorecem formas de olhar mais contextuais e holísticas.*
Marianne Bojer et al.

Para fundamentar a escrita dos princípios de processos de diálogo são aqui utilizados como referências os escritos da comunidade AoH, compilados na apostila do *Art of Hosting Viçosa* (2014), o livro *Mapeando Diálogos* (BOJER *et. al.*, 2010), a tese *Comunicação e Diferença* (SIMAS, 2013) e notas pessoais de aprendizagem baseadas nas experiências que são objeto do relato apresentado nesta monografia. Como entendemos que esse conhecimento é fruto da inteligência coletiva e do encontro entre diversos outros conhecimentos e autores, não faremos referência a quem usou quais palavras: a importância maior está na descrição dos processos, visando uma maior clareza de termos essenciais para discorrer sobre a jornada de experiências que segue. Alguns dos princípios dos processos de diálogo são apresentados a seguir.

Princípios. Os princípios, segundo a comunidade AoH, é a forma pela qual nos comportaremos para atingir os propósitos, quando os definidos com clareza, convicção e uma compreensão em comum. Requer o engajamento da pessoa em sua totalidade, não apenas o seu intelecto.

Esteja presente e evoque presença. O primeiro deles é a presença. A importância de estar presente de “corpo e alma”, atenção e cuidado é fundamental. Estar realmente presente, no aqui-e-agora. Juntamente a eles, *falar com intenção e com o coração e ouvir com atenção e o coração.* Quer dizer, escolher as palavras e os momentos para externar aqui que é mais valioso e colocar-se na posição do outro, sem julgamentos — buscando compreender em essência.

Clareza de propósito. Antes de decidir qual ferramenta utilizar, é importante saber quais são as intenções por trás do chamado à conversa: quais são as necessidades específicas

do contexto e dos envolvidos. Para a descoberta dessa necessidade genuína, é importante o investimento em tempo e atenção. O propósito é aquilo que gostaríamos de nos tornar, aquilo que poderíamos criar para melhorar nossa vida e a de pessoas e comunidades próximas. Perceber o que está emergindo e ter coragem (agir com o coração), o suficiente para lhe nomear. O propósito precisa ser ao mesmo tempo aberto, isto é, não esperando determinado resultado, quanto de motivo claro do “porquê estamos aqui”.

Seleção das ferramentas está muito ligada ao propósito. É preciso ter claro para qual finalidade cada uma serve e conhecer seus potenciais e suas limitações. Faz-se muito importante a busca por um repertório cada vez mais amplo de métodos.

Boas perguntas, questões significativas. Fazer perguntas é uma arte, assim como conversar e escutar com atenção. Uma boa pergunta é simples, clara, provocativa, apreciativa, foca a investigação, desafia pressupostos, abre novas possibilidades para a descoberta coletiva e gera novas perguntas. As perguntas, em si, são mais importantes do que as próprias respostas — são elas que dão início às conversações e é bom que estejam alinhadas à necessidade e ao propósito do coletivo, ao mesmo tempo, não devem exigir ação nem respostas imediatas.

O facilitador-anfitrião ou a arte de ser anfitrião. É o responsável pelo engajamento e/ou conversações, permitindo que soluções emergjam da sabedoria do centro. Para tal, é necessário percorrer o caminho quádruplo — sem começo nem fim, uma espiral de autoconhecimento e cuidado consigo e com os outros: esteja presente (pré-sinta e anfitrie a si mesmo), pratique conversas (participe e seja anfitriado), anfitrie conversas (contribua, convide e anfitrie conversas), cocrie e coanfitrie a comunidade de praticantes.

Participação e participantes: estimule a contribuição de todos, trabalhe com seus companheiros, pratique conversas e consolide a cultura do diálogo. Seja corajoso, convidativo e disposto a iniciar conversas com sentido. Se faz sentir, faz sentido. Mas faça de forma leve, *cuide do espaço e campo*, busque alternativas sutis.

O conteúdo é compartilhado. Disponha-se a cocriar e coanfitriar com outros, não apenas transmitindo, mas dando espaço para o aprendizado e a mistura de conhecimentos, experiências e práticas com os demais. Contribua e cuide para que esse espaço seja

genuinamente de aprendizagem e inovação. *Tome uma sábia decisão coletiva*. Decisões sábias emergem de conversas e consenso, não de votação¹⁰.

Convide os outros a ouvir ouvindo. Esteja com as pessoas, disponha-se a ouvir plenamente, respeitosamente, suspenda julgamentos para descobrir padrões, percepções e questões mais profundas. Não pense que você já sabe todas as respostas — até porque elas não são de grande valia: enquanto elas apontam um caminho já trilhado, são as perguntas que abrem um novo rumo. Um objeto da fala — que transforma quem o segura em o guardião da fala, enquanto os demais são guardiões do silêncio — é uma boa indicação: ele reduz a velocidade da conversa, restaura a calma e a suavidade. Quando alguém está portando-o, este alguém é convidado a falar e os demais são convidados a ouvir: ele tem um poderoso efeito de garantir que todas as vozes sejam ouvidas e afia tanto a fala quanto a escuta.

*Colha algo útil: colha e compartilhe descobertas coletivas*¹¹. Colher *insights* e aprender é um pré-requisito para se renovar e se chegar a algo novo. Uma boa colheita propulsiona comunidades, conecta lideranças e ações com conversas, fazendo o melhor uso da sabedoria que é coletada durante o processo dialógico. É possível colher resultados tangíveis e intangíveis (tácitos). Enquanto o primeiro é mensurável e recomendado em análises (mental), o segundo é mais profundo e tende a ser mais poderoso ao longo do tempo. Não apenas planeje um encontro, planeje sua colheita — e que ela seja visível, compartilhada, e co-criada: quanto mais o grupo participar desse processo, mais ela é apropriada coletivamente por todos. Cultive a inteligência e a colheita coletiva.

Espaço tácito e físico. Normalmente, não damos a devida consideração à disposição física do lugar onde nos encontramos e permanecemos. Apesar disso, o ambiente e sua arrumação influencia diretamente nosso sentido de pertencimento, acolhimento e disposição de estar à vontade ou não para conversas significativas. Quando as pessoas se reúnem em uma sala atraente aos sentidos, algo diferente acontece. É como se estivessem sendo mais do que simplesmente convidadas a entrar. O ambiente também é responsável pelo sustento da inteligência coletiva.

¹⁰ Caso necessário, reveja a seção 1.1.2 O Diálogo.

¹¹ Há exemplos de colheitas dentre as experiências relatadas. Confira a seção ANEXOS.

2.3 TECNOLOGIAS SOCIAIS DE DIÁLOGO E CONVERSAÇÃO

2.3.1 JUSTIFICATIVA DAS ESCOLHAS

“A conversa é uma necessidade universal” (BOJER *et al.*, 2010, p. 33), e o propósito é o mesmo: engajar a inteligência coletiva, e muitas são as metodologias disponíveis para *pensar melhor em conjunto*. Bojer, Roehl, Knuth e Magner (2010) enfatizam que não há receitas universais do tipo “processo A é o mais indicado à situação B”, porém é necessário cuidado para não utilizar sempre os mesmo métodos, uma vez que “uma ferramenta pode se transformar em uma lente e afetar a forma como percebemos o nosso entorno. Ao usarmos sempre a mesma lente, a percepção do que estamos tentando mudar pode ficar comprometida” (*Ibidem*, p. 33).

Optamos pela escolha das metodologias do *Círculo*, *Espaço Aberto* e *Café do Mundo* após o contato com as referidas metodologias nos espaços do Estaleiro Liberdade e AoH Floripa, e a aplicamos nas três experiências que realizamos: Okara, Em sala e AoH Viçosa. Essas ferramentas foram selecionadas em detrimento das outras possíveis por sua capacidade de serem processos mais facilmente aplicáveis e acessíveis a facilitadores iniciantes e também por respeitar o caminho quádruplo do anfitrião sugerido pela AoH: participando e anfitriando conversas, convidando a novas, praticando em comunidade e tomando maior consciência da arte da anfitriagem que, assim como a arte em geral, deve ter a lapidação de forma contínua.

2.3.2 O CÍRCULO | THE PEERSPIRIT CIRCLE PROCESS

O *Círculo* é a metodologia que costuma ser mais utilizada para iniciar e fechar conversas com propósito. Ele é o modelo de organização primário, podendo ser a prática em si ou um subproduto de uma prática maior, como por exemplo os próprios *Espaço Aberto* e *Café do Mundo*. É um formato de diálogo amplamente difundido e utilizado em inúmeros contextos. No caso da comunidade de práticas AoH, a base para sua aplicação é o trabalho de *Christina Baldwin e Ann Linnea* (2010).

Ele é a forma tradicional e não-hierárquica de nos organizarmos, desde os tempo mais remotos. Um encontro no círculo é um encontro de iguais, *peer-to-peer*¹², que transforma

¹² Do inglês par-a-par, P2P, de pessoa a pessoa.

uma simples conversa em um momento de trocas com significados — o que potencializa aprendizagens e eleva consciências sobre determinado assunto ou tema.

Minha experiência me diz que o círculo é a geometria fundamental da comunicação humana aberta. Um círculo não tem nem cabeça nem pé, nem alto nem baixo, nem lados. Em um círculo as pessoas podem simplesmente estar umas com as outras face a face. Afinal, nós não temos um quadrado de amigos; e em uma noite fria de inverno é agradável ser parte do círculo familiar. (...) Em quadrados e retângulos, existe a separação que pode ser útil para manter separadas partes combativas, como em negociações; mas comunicação genuína, aberta, livre, tende a ocorrer apenas minimamente. Círculos criam comunicação. (OWEN, 2003, p. 18-19)

Sua estrutura permite que todos ouçam e sejam ouvidos com o mesmo respeito e atenção. O que transforma uma reunião em um Círculo é a vontade em mudar de socialização informal ou discussão calcada em opiniões para uma atitude receptiva de falar com intenção e ouvir com atenção.

Os princípios do Círculo são três: liderança rotativa entre os membros (não é que não haja líder, na verdade *todos* ocupam esse papel simultaneamente), responsabilidade compartilhada pela qualidade do encontro, e a confiança em um propósito maior que une todos os participantes. O fluxo usual do círculo é dividido em *acolhida* ou boas-vindas, *estabelecimento do centro* pelo *check-in* (como está se sentindo, suas expectativas, e evocação da presença genuína), formulação de *acordos*, exposição da *intenção*, *princípios*, e *práticas* da ferramenta, seleção de *guardiões*, *check-out* (como está saindo) e *despedida*.

O círculo é um espaço que intensifica as cooperações, o apoio mútuo, aproxima emocionalmente e nutre a alma. Para ser um campo verdadeiramente seguro e de suporte, tudo o que for dito deve ser tratado com respeito, pois revelar-se demanda coragem e confiança (fiar com!).



2.3.3 O ESPAÇO ABERTO | THE OPEN SPACE TECHNOLOGY

A *Tecnologia do Espaço Aberto* (*Open Space Technology, OST*) é uma metodologia para criação de espaços autogestionados, de conversas no qual os próprios participantes propõem e se responsabilizam pelos temas, horários e locais a serem discutidos e aprofundados. O grande diferencial é que as várias sessões de conversas acontecem

simultaneamente, em espaços diferentes. O tema pode ter importância estratégica coletiva ou ser fruto de uma inquietação individual.

Quando as pessoas chegaram, estava bem claro que aquele não era um encontro usual. Para começar, não havia agenda. As pessoas sabiam apenas quando a reunião começaria, quando terminaria, e que, de alguma forma (mesmo que ainda indefinida), realizariam a tarefa solicitada. Não é preciso dizer que os céticos não eram poucos, cuja incredulidade não seria diminuída pela aparência física da sala onde se reuniriam. (...) Em uma hora ou uma hora e meia tudo havia mudado. mesmo os céticos trabalhavam intensamente, tratando dos assuntos de seu interesse pessoal. Para chegar a esse ponto, cada pessoa interessada foi convidada a identificar qualquer assunto relacionado ao tema central, pelo qual ela tivesse uma real paixão, escrevê-lo em um pedaço de papel, e colocá-lo no quadro de avisos da parede. Ao fazer isso, aceitava a responsabilidade de convocar uma sessão sobre seu tema e de produzir um relatório escrito sobre os resultados. Quando todos os temas foram divulgados, os participantes dirigiram-se em massa ao quadro e inscreveram-se para a sessão na qual tinham interesse em participar. E então, estavam prontos para o trabalho. Assim foi, e esta era a Tecnologia do Espaço Aberto (TEA). (OWEN, 2003, p. 15-16)

Desenvolvido por *Harrison Owen* (2003), a tecnologia recebe esse nome pela liberdade que oferece a seus participantes de atuarem da forma como se sentirem à vontade no processo. Owen percebeu, em conferências e demais encontros que realizou, conversas que surgiam fora da programação formal, e teve então a ideia de organizar reuniões que honrassem esse formato informal e desprendido aliado a um bom *coffee break*, resultando em encontros produtivos de conversas significativas.

Diferentemente do Círculo, que exige uma qualidade de atenção de nível elevado e focado em determinado sujeito que tem o objeto da fala em mãos e, portanto, o direito da fala, o Espaço Aberto permite a migração dos participantes de expectadores para protagonistas do processo, bem como de protagonistas podem voltar a ser expectadores, caso seja a vontade. Ele pode ser usado para planejamento de ações, resolução de conflitos, geração de novas ideias, polinização cruzada de informações: ele é útil para quase todos os contextos.

Com quatro princípios e lei única que acreditamos poder ser usada como filosofia de vida, o espaço aberto defende a liberdade e o livre fluxo de aprendizado. Seu princípios são: quem quer que venha são as pessoas certas; quando começar é a hora certa; o que acontecer é a única coisa que poderia ter acontecido; quando acabar, acabou.

A Lei única é também chamada Lei dos Dois Pés: “se você está em um lugar onde não esteja nem contribuindo, nem aprendendo, use os seus dois pés e vá para um lugar onde esteja”. Ela ressalta a liberdade para se fazer aquilo a que genuinamente se sinta chamado

naquele momento e a importância de sua ação ter significado pessoal, para além das convenções sociais. O importante é não ficar onde sinta estar perdendo tempo.

A sessão se inicia com um *círculo* onde explica-se a dinâmica e os participantes que tenham questões que queiram compartilhar, apresentam-nas e escolhem um horário e local, criando, assim, a *agenda* do encontro. O círculo se desfaz e os participantes se encaminham até os locais e conversas que pretendem se engajar. Papéis diferentes podem ser assumidos na dinâmica. O

	Espaço 1	Espaço 2	Espaço 3
8:00-9:00	Encontro da comunidade		
9:00-10:30			
10:30-12:00			
12:00-13:00	Convergência		

colheitador é o participante que se voluntaria a registrar o que emerge na conversa em que faz parte. A *abelha* ou *zangão* é o participante que transita entre as mesas polinizando ideias e *insights*. A *borboleta* é que em algum momento ela “escapa” da sessão forma para escutar sua própria intuição e pode ter um diálogo interno consigo mesma, ou se encontra com outra borboleta, iniciando conversas informais.

A agenda pode conter *intervalos* entre as seções, dependendo da disponibilidade de tempo e assuntos, e ao final, há o *encerramento*: quanto há um convergência dos praticantes do diálogo novamente para o grande grupo, seguindo a metodologia do Círculo, onde todos são convidados a compartilhar suas impressões e insights que surgiram durante o processo.

2.3.4 O CAFÉ DO MUNDO | THE WORLD CAFÉ

A terceira e última metodologia que será aqui descrita é o *Café do Mundo* (também traduzida como Café Mundial, Boteco do Mundo...) É uma metodologia que permite criar uma rede viva de diálogo colaborativo sobre temas importantes. Permite que grupos de 12 a 1.200 pessoas se sentem juntas para gerar ideias e compartilhar conhecimentos diversos em torno de um tema. Também é aplicável em situações nas quais é preciso se construir entendimento. O processo favorece que o grupo valorize a sua sabedoria e inteligência coletiva, que é maior do que a soma das partes.

As conversações do World Café nos levam a um novo domínio, um que foi esquecido nas culturas modernas e individualistas. É o domínio da inteligência coletiva, da sabedoria que possuímos como um grupo, que não está disponível para nós como indivíduos. Esta sabedoria emerge à medida que nós ficamos cada vez mais ligados uns aos outros (...), procurando padrões, surpresos de repente por um critério do qual todos partilhamos. Há uma boa explicação científica para isso, porque é deste modo que a vida funciona. Quando ideias ou entidades separadas se

tornam ligadas umas às outras, a vida nos surpreende com a emergência — o súbito aparecimento de nova capacidade e inteligência. Todos os sistemas vivos funcionam deste modo. (BROWN; ISAACS, 2007, p. 17)

Desenvolvido por *Juanita Brown e David Isaacs* (2007), realiza-se pela promoção de conversações em grupos com uma questão central e etiqueta própria: foque no que é importante, contribua com suas ideias e experiências, fale com o coração, escute para compreender, conecte ideias, investigue padrões e questões mais profundas, desenhe, rabisque, e divirta-se.

É importante ter claro o tema e propósito do encontro (para quem está sendo feito o café?), formular boas perguntas que provoquem o pensamento e estimulem a criatividade, criar um ambiente seguro e hospitaleiro onde as pessoas se sintam bem, exercitar o diálogo a partir da fala com intenção e escuta com atenção, incentivar a contribuição de cada participante, escutar e compartilhar descobertas.

Um dos pontos centrais da metodologia são as perguntas norteadoras, ou geradoras. Pode-se trabalhar com uma única pergunta em todas as rodadas, ou com uma pergunta para cada uma delas.

No início, o facilitador dá as boas-vindas aos participantes e apresenta o propósito ou o tema “guarda-chuva” daquele Café. São montados grupos de 4 a 6 pessoas que sentam-se em torno de mesas ou em círculos com uma grande folha de papel e material para escrever e/ou desenhar. As orientações são dadas, sendo que cada rodada dura em média de 15 a 30 minutos. Em cada rodada, o facilitador faz uma pergunta norteadora; todos os grupos conversam sobre a mesma pergunta; os participantes são convidados a registrarem nas folhas de papel temas, ideias e descobertas compartilhadas durante as conversas. Ao término de cada rodada, as pessoas são convidadas a encontrarem uma nova mesa e sentarem-se com pessoas com quem ainda não conversaram.

Uma das pessoas permanece na mesa como “anfitrião”, enquanto os demais atuam como “embaixadores” levando a conversa dessa para outras mesas a cada nova rodada. O processo se repete até que todos se reúnam novamente em um círculo único apresentem as “colheitas” (sínteses de temas e ideias das conversas de cada mesa, registrados nas folhas), tecendo um sentido compartilhado.



3 RESULTADOS QUE IMPORTAM (JORNADA DE EXPERIÊNCIAS)

3.1 A UNIVERSIDADE E O MUNDO DE POSSIBILIDADES

*Nunca duvide que um pequeno grupo de pessoas
pensativas e comprometidas pode mudar o mundo.
Na verdade, é a única coisa que o fez.
Margaret Mead*

Sem dúvida, sair de casa aos 17 anos para estudar em uma universidade federal a mais de 100km de casa foi decisivo. Sem esses anos iniciais em Viçosa e sua maneira de autorregulação e aprendizagem contínua de como ser responsável por aquilo que se tem eu ainda seria aquela menina medrosa na barra da saia da mãe. Viçosa me mostrou que o mundo é imenso, e a vida, única, e se a gente não aproveitar, ela escapa. Mas aproveitar não é a mesma coisa que “se jogar” com tanta força que se esquece das responsabilidades e da finalidade — Viçosa também tratou de ensinar, algumas vezes bruscamente, que liberdade não é libertinagem.

Depois dessa quebra de padrão a que eu estava acostumada, vivendo em Juiz de Fora com a minha mãe, de me decepcionar com a primeira escolha do curso de (Arquitetura & Urbanismo), e finalmente me encontrar na Comunicação Social, um projeto social na nova cidade foi a causa de acreditar que sim, dá pra gente ser melhor. O *De Jovem pra Jovem*¹³ (*DJPJ*) surgiu de pára-quedas na minha vida, e com ele ao grupo de palhaços *TrupicaH*¹⁴: aquela equipe realmente interdisciplinar de jovens inquietos e em busca da mudança. Antes deles, eu nem tinha ouvido falar em que a gente pode ser a transformação que a gente quer ver no mundo (Mahatma Gandhi): os meus ouvidos estavam fechados.

Aprendi também com eles — o que foi confirmado no Estaleiro, que para que as mudanças aconteçam no mundo, precisamos primeiro mudar a nós mesmos. O *Palhaço é Luz*, projeto de palhaçada solo que assumi desde então levando encontros e oficinas a alguns estados do país, veio acrescentar a essa busca pelo autoconhecimento e autoaceitação — de mim, dos outros, de mim pelos outros¹⁵.

¹³ Projeto social que contou com apoio do Instituto Brasil que participei no ano de 2012. Ver referências.

¹⁴ Trupe de palhaços.

¹⁵ Obrigada, Marcio Líbar, pela inspiração no filme *Eu Maior*.

Ao entrar em contato com o mundo do *De Jovem pra Jovem* (DJPJ), projeto social para o protagonismo juvenil, nada mais protagonista do que descobrir entre eles um embaixador de negócios sociais¹⁶. Com ele, tive acesso a *Choice* e ao *Choice Day* — dia em que todo o Brasil são feitas oficinas para conectar, inspirar e gerar novas ideias, o que foi essencial para mexer lá no fundo no que andava desacreditado: minhas angústias e ansiedades sobre a educação e sobre o que podemos fazer para que ela faça jus ao nome que tem.

Estando no workshop do *Choice Day*, diante de uma situação-problema que fazia parte da dinâmica do encontro, percebi que uma das possíveis soluções — e a que eu estaria realmente empenhada em fazer virar realidade no contexto em que eu me insiro — era alterar as bases da educação dita tradicional e seu engessamento de habilidades e conhecimentos. Juntamente com mais duas colegas, elaboramos um rascunho de um projeto de escola que abarcaria conteúdos mais próximos do cotidiano daqueles que a frequentem, e que se traduzissem em um conhecimento mais coerente e prático em relação ao seu modo de vida, como, por exemplo, aulas de culinária para aprender química e matemática. A nossa ideia não era reduzir o conhecimento de forma a ficar “mais fácil”, mas sim a possibilidade de um currículo mais real, mais próximo ao dia-a-dia: completo, realmente abrangente e chamativo.

Após esse momento, tive uma grande vontade de buscar de que forma a alteração curricular poderia acontecer de fato. Foi quando descobri o *Estaleiro Liberdade* (EL), “escola de empreendedorismo e autoconhecimento, só que pirata”. Comecei a cultivar um sonho: transformar o espaço *escola*. Minha ideia inicial foi pesquisar novas formas de educação que até então eu não tinha contato, paralelamente à vivência no autoconhecimento e empreendedorismo que o EL oferecia. Desde o momento que decidi me aprofundar no campo da educação e ver (e sentir) de perto o funcionamento de uma *escola livre* com o tema *liberdade* como chave para transformar sonhos pessoais em ações de cunho coletivo, percebi que não seria uma experiência como as demais que eu tinha vivido até então.

A questão é que o curso acontecia apenas em Porto Alegre¹⁷, e tinha uma carga horária prevista semanalmente. Devido à impossibilidade de me deslocar toda a semana para

¹⁶ Negócios sociais são uma “nova” maneira de se colocar no mundo: causar a transformação que tanto se almeja, sendo autossuficiente financeiramente. Em outras palavras, mudar o mundo ganhando dinheiro.

¹⁷ Hoje acontece em Porto Alegre e São Paulo.

essa finalidade, me propus a mudar para Porto Alegre e aproveitar o máximo que essa experiência poderia me proporcionar.

Em uma apresentação feita de imagens, no álbum próprio disponível no *Facebook*, o Estaleiro descrevia as “Ferramentas e Workshops que amamos compartilhar”: *Nós.vc, Catarse, Comunicação Não-Violenta, Learn Startup, Métodos Ágeis, Gamestorming, Coaching, Antroposofia, Learn by Doing, Design Thinking, Art of Hosting, Project Based Learning, Dragon Dreaming, Storytelling, Pensamento Visual* foram alguns dos conteúdos que eu pude ter o primeiro contato através das mídias sociais, e posteriormente, na minha jornada de aprendizagem.

Para concretizar o sonho, comecei logo de cara me “jogando” ao novo: um financiamento colaborativo — o *Catarse*. Plataforma de financiamento colaborativo de projetos, infelizmente ainda pouco conhecida, também chamado *crowdfundig*, o *Catarse* tem uma série de regras e procedimentos específicos. Como a equipe mesmo explica no site¹⁸, tudo começa com um projeto: e o meu já tinha até nome — De Maruja a Pirata: uma vez que ao entrarmos no EL, somos aprendizes de “autoconhecimento-empendedor-pirata” (marujos) e contamos com o apoio e suporte de pessoas que, de certa forma, já vivem na busca dessa piratas

A ordem natural de características para que um projeto obtenha sucesso na plataforma é: (1) um projeto; (2) uma rede de pessoas interessadas e o acesso aos recursos necessários — no caso da plataforma em questão é prioritariamente o dinheiro, apesar de existir outras que realizam outros tipos de trocas; (3) um prazo de até 60 dias para captar todo o valor pré-estipulado como necessário; (4) recompensas criativas em troca desses apoios financeiros; (5) um planejamento sério de ações uma vez que a regra é clara: tudo ou nada — ou a meta é atingida no prazo e o projeto se realiza, ou o dinheiro volta para os apoiadores; (6) a palavra e o compromisso de realizar o projeto como descrito e a entrega das recompensas como prometido.

No meu caso, o projeto visava custear minha ida (curso, passagem, alimentação, taxa cobrada pelo *Catarse*) e em troca, dentre outras recompensas, um relato sobre os aprendizados e os encontros com a educação em Porto Alegre, que agora se materializa em

¹⁸ A explicação completa pode ser conferida no link <http://www.catarse.me/pt/hello?ref=home_banner>. Acesso em 09 jun. 2015.

forma da presente monografia. Eu escolhi o prazo de 40 dias no período de 11/02/2013 a 23/03/2013 para atingir o objetivo, e consegui mobilizar uma rede online de 105 apoiadores, totalizando R\$ 7.245,00 dos R\$ 7.000,00 calculados para ser viável a realização.

Ainda em período de captação de pessoas e recursos, já me encaminhei para o sul, com o apoio offline do Instituto Brasil (IB — instituto apoiador do *De Jovem pra Jovem*), que garantiu minhas passagens de ida de ônibus e avião. Assim, no dia 10 de março, após a entrevista para a escolha dos “tripulantes” da segunda turma, reunião com o presidente do IB, confirmação da seleção para o Estaleiro, carta para Comissão Coordenadora pedindo o afastamento do Curso para um curso livre e reuniões com pessoas interessadas em apoiar de outras formas que não financeiras, cheguei em Porto Alegre para o primeiro dia de EL.

3.2 O ESTALEIRO LIBERDADE

*Não tem como buscar de fora
o que ainda não encontramos dentro.*
Bibiana Pozzebon

O Estaleiro apresenta-se de várias formas, talvez por isso há controvérsias se é muito fácil ou muito difícil explicar o que ele realmente é. Ao mesmo tempo que é uma escola de empreendedorismo, é uma espaço de autoconhecimento, um mar de pirataria da própria vida: empresas nascem e amadurecem, pessoa crescem, se encontram e se aceitam como verdadeiramente são, amizades e vínculos são criados e a forma de comunicar é levada com mais seriedade do que o assunto em si. “Conversas que importam” ou “conversas significativas” são termos bastante recorrentes. Mas o que eu levei dessa experiência foi a de que todas conversas importam e são significativas, se a gente está realmente presente e participando do que acontece. Quando percebi, me dei conta que a verdadeira educação na verdade acontece todos os dias, de forma sutil e corriqueira.

O Estaleiro Liberdade se apresentou como “porta de oportunidades” para um mundo em que eu quase nada conhecia. Os 12 marujos e os 3 piratas — uma confluência de sotaques, origens, visões de mundo, mas com um propósito único que faz com quem permanecêssemos juntos na caminhada por uma vida mais autoconsciente e não-automática.

Sempre ao iniciarmos ou finalizarmos uma sessão do EL, independente de qual assunto ou métodos havíamos aplicado, a metodologia do Círculo com seus princípios, práticas e acordos sempre estiveram presentes: o *check-in*, o *chek-out*, a evocação da presença, as conversas significativas, a importância de o resultado ser maior do que a soma das forças, os diferentes centros de atenção, a responsabilidade compartilhada, o protagonismo, o propósito que nos reunia apesar de nossas diferenças pessoais, a nossa busca pelo autoconhecimento e autoaceitação, a fala com intenção e com o coração, a escuta com atenção e com o coração, a escolha das palavras, dos momentos, de externar o que é mais valioso, colocar-se na posição do outro, sem julgamentos, contribuir para o bem-estar do grupo, oferecer o que pode dar e pedir o que precisar, diminuir o ritmo, viver o momento, entender pela visão do outro, o silêncio como parte da conversa, o que for dito no círculo permanecer nele, dentre todas as outras aprendizagens sobre diálogo eram parte essencial de todos os nossos encontros, desde o primeiro dia, até a celebração final.

Para além da aprendizagem do processo, o estar em círculo e o conviver (viver com) nos permitiu criar um sentimento de pertencimento, de comunidade. Entendendo que esse ecossistema negócios baseados em paixões, o trabalho com propósito e “brilho nos olhos”, e os almoços, muito mais do que uma turma ou escola, a Casa Liberdade se tornou a nossa possibilidade de crescer e nos entender como interdependentes. Situada na Rua Liberdade, número 553, sua autogestão e a corresponsabilidade pela limpeza, manutenção e gastos do mês, me fez sentir na prática a interdependência que nos conectava — e que também nos conecta em um plano maior, se formos para além dessa análise micro da Casa. Nunca tinha visto¹⁹ na prática tanta gente ganhando dinheiro sendo feliz com a escolha que fez. Três andares de casa, mais de seis cômodos de salas de reunião e trabalho e sorriso estampado no rosto e motivação para levantar cedo todos os dias. Além das reuniões do Estaleiro Liberdade, permanecer na Casa Liberdade, apenas refletindo seu dia-a-dia já me trouxe grandes contribuições como pessoa.

¹⁹ Existem outras casas como essa, que tive acesso depois e continuei a perceber pessoas felizes e satisfeitas com o que fazem, tenho consciência de sua contribuição para o coletivo. Mas é importante frisar que não é um *coworking* (local onde se trabalha junto mas tem um proprietário que administra), mas sim um local autogerido por todos que lá permanecem.

Um outro aprendizado, que me faz sentido desde então é sobre os tipos de tempo: o tempo do relógio (Chronos) e o momento da oportunidade (Kairós), ou tempo do coração. O primeiro passo foi me despedir das antigas agendas (tinha três no total), das datas marcadas, do excesso de compromisso e atividades e poder relaxar, estar verdadeiramente presente, percebendo o que a minha volta acontecia. Ao estar presente no aqui-e-agora, minha percepção pessoal foi mais profunda e comecei a buscar a constante evolução, a caminhada pessoal e comunitária. O maior projeto da nossa vida somos nós mesmos, como bem disse um colega marujo da minha turma de EL. A importância da história de vida, das pessoas que encontramos, dos diálogos que travamos, o cuidado, a autonomia, a gratidão pelo constante aprendizado em todo e qualquer lugar ainda ressoam em mim e me fizeram continuar essa educação holística, continuada e fácil de acontecer: pelo encontro com o outro.

Mesmo após ser reconhecida a Liberdade que habitava em mim (em nosso “diploma de piratas”, ver anexos) e me tornando “pirata”, ainda permaneci na casa, estudando as metodologias educacionais, interagindo com o ambiente rico e inspirador na qual a Casa emana. Foi também por passar os dias nela, que soube do *AoH Floripa*: dois dos anfitriões eram amigos de faculdade e de comunidade de AoH do Larusso, pirata, e muito do que vimos e experimentamos no EL, foi explicada, embasada e introjetada com mais calma nos dias de imersão em Florianópolis.

3.3 O AOH FLORIPA: Introdução à comunidade de diálogo

*Uma ilha
ligada ao mundo por três pontes
Uma que vem
uma que volta
e uma que não sai do lugar.
AoH Floripa*

Estando no Estaleiro Liberdade, tive acesso a inúmeros “cursos livres” e possibilidade de crescimento para além dos nossos próprios encontros como EL. Uma dessas oportunidades que surgiu foi o Art of Hosting Floripa: possibilidade de “beber da fonte” o conhecimento,

princípios, práticas e acordos que já tínhamos nos habituado dentro desse ecossistema comunicativo.

O encontro aconteceu de 18 a 21 de julho na Casa de Retiros Vila Fátima, Morro das Pedras. O clima, assim como o espaço, era de desaceleração e isolamento. O chamado era metafórico e concreto, pessoal e ao mesmo tempo coletivo: *de que forma expandimos nossas ilhas, construímos pontes, nos conectamos às outras ilhas e ao próprio continente? De que forma proceder para que essa ponte seja realmente utilizada e seja elo de ligação entre os que se encontravam separados por mar? Devemos ultrapassar a borda, “transbordar”, criar pontes para chegar a outras ilhas; menos paredes, mais pontes.*

Liderança compartilhada, escuta ativa, fala com intenção, silêncio como parte integrante da conversa (e não constrangedor), cuidado mútuo, práticas de presença, bastão da fala foram alguns dos acordos, práticas e princípios que colocamos em prática nesses três dias de imersão em nós mesmos. O *check-in* inicial foi uma pergunta provocadora que, ao mesmo tempo, nos remetia à nossa trajetória até então: *que outras pontes atravessei para estar aqui agora?*

No encontro, tive contato com outras experiências que poderiam me auxiliar nessa busca pessoal. Na aplicação da metodologia do *Espaço Aberto*, por exemplo, participei de um, dentre outros espaços, em que era apresentado o *Gaia Education*: seu currículo holístico, sua educação para a sustentabilidade e sua proposta de transição para uma sociedade mais sustentável — iniciativa que foi se tornando tão próxima que é o meu sonho para Viçosa em 2016.

Uma outra dinâmica empregada foram os chamados *trios de confiança*. Desde o primeiro até o último dia, em uma dinâmica de caminhar despretensiosamente pela sala e olhar para uma pessoa assim que a música acabar, fomos “separados” em trios de confiança. No meu caso, os dois participantes que vieram integrar meu trio eu ainda não conhecia, foram Roberta e Alex. Ficou claro para mim a importância de confiar, fiar com, isto é, tecer “na rede da vida” juntamente com aqueles que não necessariamente conhecemos previamente, mas acreditar nas leis do Universo de colocar em nossa vida as pessoas certas²⁰ que podem nos auxiliar o trabalho não ficar tão pesado e maçante.

²⁰ Assim como fala um dos princípios do Espaço Aberto, que vimos anteriormente.

Na aplicação do *Café Proativo (Pro-Action Coffee)*, me voluntariei para ser a anfitriã de uma conversa sobre educação. O Café Proativo é uma combinação do Café do Mundo com o Espaço Aberto, a agenda é definida pelos participantes (característica do OST) e as conversas acontecem por rodadas (característica do WC). A primeira rodada é para aprofundar a necessidade e o propósito do chamado, indagando o que está por trás dessa conversa. A segunda é marcada pela exploração do que se pode fazer para que o projeto fique o mais completo e possível. A terceira rodada é para ajudar o chamador a “juntas as peças” e sintetizar o projeto. Logo após, o anfitrião da conversa tem um tempo para refletir individualmente sobre tudo o que foi discutido e então é seguida a etapa da plenária em que compartilha pelo que agradece e quais são os próximos passos.

Identificamos coletivamente que o que estava por trás dessa minha conversa sobre educação, era a minha crença de que a profissão de professor é a mais importante. Indo ainda mais fundo, entendemos que, na verdade, era o meu sonho querer ser professora. Na exploração do que faltava para o projeto ficar completo, elencamos: buscar quais critérios fazer as escolas serem procuradas ou não, entrevistar os pais em momentos-chave como na matrícula e na reunião de pais, dentre outros passos, a culminar na aplicação do MVP: mínimo produto viável. Ao juntar as peças, sintetizar e compartilhar com o grupo, tive como produto uma nova colheita de *insights* da ideia que, ao passar por outras experiências e conversas, desencadeou nessa monografia.

Ao final do encontro, a sensação de já nos conhecermos há muito tempo e mesmo com a distância física (nem todos são ou moram em Florianópolis), confiar que estaremos conectados por laços invisíveis. Como *check-out*, a proposição era para que fizéssmos uma pergunta “e se..?”, apontando, de certo modo, qual questão tinha ficado mais pulsante em cada um. A minha foi e *se eu for chamado para ser um dos protagonistas da reestruturação da educação: eu vou?*

3.4 CONVERSANDO A GENTE APRENDE: Praticando em sala de aula

*O caminho está lá,
mas verdadeiramente só existe quando o percorremos
e só o percorremos quando o vemos e o percebemos*

Iniciando a disciplina de Psicologia (EDU110) em 2012, com a ida para o sul antes da conclusão do período letivo e devido à impossibilidade de fazer as novas avaliações pela distância física, a professora Rita Souza (Depto. Educação) demonstrou curiosidade em conhecer a iniciativa “inovadora” pela qual trancava meu período e “abandonava” matérias. Acordamos que, ao voltar, eu apresentaria essa experiência em suas disciplinas.

Conheci a professora Ana Carolina (Depto. Comunicação Social) ao retornar para o segundo semestre de 2013. Afastada do curso desde 2009, ela havia desenvolvido no doutorado a tese *Comunicação e Diferença: estudos em comunicação colaborativa para a sustentabilidade comunitária* (2013). Entendemos que nosso interesse de atuação e pesquisa era semelhante — trazer para o contexto universitário metodologias de diálogo mais horizontais, participativas e ativas — e a partir de então, sistematizamos e desenvolvemos informalmente uma pesquisa-ação sobre as interconexões da comunicação e a educação, tendo as ferramentas dialógicas como foco de pesquisa e atuação.

Apesar de a UFV se inserir em um contexto pedagógico baseado principalmente na educação tradicional, iniciativas e experiências piloto já vem sendo desenvolvidos na busca de metodologias ativas de *comunicação educativa*, tais como o Programa de Extensão TEIA, o encontro anual Troca de Saberes, o Probus, Licena, dentre outros departamentos, tais como Arquitetura e Medicina. Quisemos, com nosso trabalho, trazer mais ferramentas a esse movimento de reestruturação das formas possíveis de ser conceber e praticar a educação.

Por cursar as disciplinas de EDU 110, EDU117 e EDU155 nos semestres de 2013 e 2014 e estar desenvolvendo a pesquisa, apliquei nas salas de aula que estava matriculada as metodologias sociais de diálogo que estudávamos. Entendemos ser importante ressaltar que nem tudo se resolve apenas com o diálogo. A diferença de maturidade e idade dos estudantes, o ano de ingresso, tipo de curso (bacharelado ou licenciatura), relação entre facilitador-participantes (professor, aluno da mesma sala, aluno externo, aluno formando, monitor, etc) dentre outras variáveis, interferem na concretização dessas ideias em sala, ou em qualquer outro espaço de prática.

Achei bem enriquecedor participar das matérias do Departamento de Educação, pois tive contato com dois tipos de colegas de sala: os bacharéis e os licenciados — e pude

perceber a diferença de postura e motivação em participar das aulas: enquanto os alunos de licenciatura prestavam atenção tanto ao conteúdo quanto ao processo, os estudantes de bacharelado, no geral, não prestavam atenção nem ao conteúdo muito menos ao processo, preocupados apenas com a presença (assim como a maioria dos alunos de Comunicação).

Como monitora de Teoria da Comunicação I (COM 100) e estudante formanda de Comunicação Comparada (COM 401), também percebi a diferença de peso que a figura de autoridade e a hierarquia ainda se fazem sentir para o andamento de atividades não usuais. Quando aluna externa, p.ex. nas disciplinas de Educação, o interesse dos estudantes era bem maior do que quando com pessoas do mesmo curso. Esse interesse diminuía ainda mais se com pessoas da minha própria turma (turma de 2010 e 2011). Já os calouros (turma de 2013) se sentiam interessados quando entendiam o que deveria ser feito, mas até finalizar a explicação e começar a prática, era apenas sob a pena de falta que eles permaneciam em sala. Assim, a maioria das atividades que desenvolvi estão mais ligadas às disciplinas e turmas que cursavam disciplinas do Departamento de Educação do que ao meu próprio Departamento de origem.

Tendo como tema *Liberdade e Educação*, entre os dias 05 e 20 de novembro (2013), apresentei a metodologia do Café do Mundo e a aplicamos nas turmas da professora Rita Souza. A ferramenta foi escolhida para provocar a discussão de temáticas de liberdade e educação, dentro das teorias psicológicas do Behaviorismo e da Psicanálise, como forma de fixar e ressignificar os conhecimentos que já haviam sido apresentados nas disciplinas.

O educador Marcelo também gostou da proposta e pediu que também aplicasse em suas salas — o que fizemos, mas contemplando outras abordagens psicológicas, como por exemplo, o construtivismo de Vygotsky na metodologia do Aquário. Ao todo, foram seis intervenções nas duas turmas desse professor: entre os dias 16 a 31 de janeiro (2014), abarcando as ferramentas do Aquário, Espaço Aberto e Café do Mundo.

Paralelamente, estava como ouvinte na disciplina de Comunicação para Sustentabilidade (COM471), que resultou no encontro Okara, que é relatado no próximo tópico.

Na disciplina de EDU155 - Didática, ministrada pela professora Maria Veranilda, também tive a oportunidade de aplicar as ferramentas de conversação. Para além da própria aplicação em sala de aula, a educadora me convidou a oferecer uma disciplina sobre a Arte de

Anfitriar, que aconteceu entre os dias 17 e 18 junho, às estudantes de Educação Infantil que integram sua turma de PIBID — Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência.

O primeiro dia teve como assunto “guarda-chuva” *a arte de anfitriar* e, por isso, foi marcado por uma breve contextualização e introdução a conceitos e às metodologias do Círculo, Espaço Aberto e Aquário. Os conceitos sobre os quais dialogamos foram construídos e compartilhados nas próprias metodologias.

O convite para o segundo dia foi feito a partir do e no dia anterior. Tanto as educandas-bolsistas quanto a educadora-orientadora relataram se sentirem motivadas e pediram que eu trouxesse uma nova ferramenta que servisse de metodologia ao assunto em pauta: o livro *Volta ao Mundo em 13 escolas*. A técnica de conversação empregada foi a do Café do Mundo.

Como suporte a essas trocas, desenvolvemos uma apostila especialmente para para esse público, com pequenos trechos da apostila “regular” da AoH. Pelo fato de o convite de um dia ter se transformado em dois dias de atividade, acreditamos que a atividade realmente contribuiu para despertar o interesse e motivação em bolsistas, supervisoras e orientadora.

O que podemos concluir é que, mesmo sendo a situação artificial, isto é, não houve um “interesse genuíno”, i.e. por parte dos participantes (no caso, os estudantes) para a busca dessas metodologias, ainda assim elas cumpriram o papel de uma comunicação mais horizontal, participativa, em que os alunos que se sentiram chamados interagiram no diálogo, colocando seu pontos de vista e ressignificando seus aprendizados.

Do mesmo modo, durante as intervenções aqui apontadas, percebemos uma maior interação entre os alunos, em especial aqueles que normalmente não se esforçavam para participar. Em um primeiro momento, todos se sentem aturdidos pela liberdade e confiança que é dada — apenas um tema guarda-chuva, e o diálogo se dá a partir dos próprios conhecimentos pessoais — mas aos poucos eles sentem-se mais motivados, de modo que ao final do tempo da “aula”, todos ainda permaneciam interessados. No círculo inicial havia certa timidez e receio, o que é quebrado no círculo coletivo de compartilhamento, que encerra as atividades.

3.5 OKARA: Compartilhando saberes para a sustentabilidade e justiça social

O encontro aconteceu em fevereiro de 2014 como projeto de conclusão da disciplina optativa do Departamento de Comunicação Social Tópicos Especiais de Pesquisa II (COM 471) — *Comunicação para a Sustentabilidade*, cursada no segundo semestre letivo de 2013.

Oferecida e ministrada pela professora Ana Carolina, discutimos e refletimos sobre assuntos voltados para as relações entre a comunicação e cultura, o contexto de desafios e a transição possível para a sustentabilidade. Então surgiu a proposta de criar uma oportunidade de diálogo e de troca de experiências, dentro do contexto acadêmico da Universidade Federal de Viçosa, sobre o viver sustentável para esta e para as próximas gerações.

Compreendendo a sustentabilidade em suas quatro dimensões — social, econômica, ecológica e cultural — e fazendo convergir o interesse de estudo de três estudantes de Comunicação em fase de escrita da monografia, foi planejado um encontro cujo propósito era aproveitar o que havia sido estudado, sobretudo, nos tópicos comunicação, cultura, natureza e estratégias de comunicação colaborativa, e colocar em prática os conhecimentos. Propusemos, entre os dias 12 e 14 de fevereiro de 2014, no Departamento de Educação, um espaço de metodologias participativas de diálogos e processos colaborativos.

Como ativar a inteligência coletiva em prol da transição para um mundo mais justo, sustentável e colaborativo? Como a comunicação e os diálogos entre diferentes saberes e experiências voltados à sustentabilidade e justiça social podem ajudar a potencializar seu alcance e profundidade? Em tempos de convergência de crises (social, econômica, ambiental, cultural), qual é o mundo que queremos e devemos construir? — foram as perguntas norteadoras do chamado ao Okara.

Em tupi-guarani, *Okara* significa o “espaço central da aldeia”. Com o mesmo objetivo, utilizamos o nome em busca de reunir pessoas, grupos e movimentos para se conhecerem, aprofundarem relações e, quem sabe, planejarem ações conjuntas.

O convite foi aberto a todas e todos que quisessem compartilhar suas experiências e/ou reflexões sobre sustentabilidade e justiça social e entrar em contato com o que já vem sendo feito (e ainda pode surgir) na cidade e/ou região, assim como em outras localidades.

Optamos pelas metodologias do círculo, do espaço aberto e do café do mundo, aliados aos círculos de convergência e aos espaços lúdico-culturais, como o cine debate e a

celebração. A agenda contou com momentos de acolhida, de abertura e de integração. Um círculo de diálogo iniciador com a questão *por que sustentabilidade e justiça social?* Como um dos resultados, tivemos uma facilitação gráfica do *Check-in*. Logo após a *chegança*, seguimos na organização dos Espaços Abertos que aconteceriam na parte da tarde do primeiro dia e nos demais dias de encontro. Ao final de cada sessão (manhã ou tarde), nos reencontramos no momento Convergência para compartilhar o direcionamento, quais perguntas e assuntos haviam emergido e os *ahás* de cada espaço.

A última atividade do grupo foi um Café do Mundo sobre os próximos passos e encaminhamentos. Dentre eles, o desejo de manter viva e acesa essa chama de espaços e conversas com propósitos, que se materializou com as experiências em sala, principalmente nas disciplinas de EDU 110 e EDU 117. Além delas, também aplicamos as metodologias em outras disciplinas, dos departamentos de Comunicação Social e de Educação, como pode ser lido na próxima seção.

3.6 O AOH VIÇOSA: Discutindo a educação pelo AoH na UFV

*Qual o papel dos diálogos e da escuta na educação?
Chamado AoH Viçosa*

Desde o AoH Floripa e inclusive com o meu retorno à Viçosa, surgiu a vontade de chamar um encontro da comunidade à Viçosa. Pouco a pouco, fomos formando o time de anfitriões (pessoas que facilitam o encontro) a partir de nossas conexões pessoais: o Augusto Gutierrez (no Rio de Janeiro), a Edite Querer e a Darlene Querer (ambas de Curitiba). Todos já haviam estado no papel de participantes e/ou atuado como anfitriões em outros encontros da comunidade, mas para além desse vínculo com diálogo a serviço da aprendizagem para a vida, de uma forma ou de outras também nos conectávamos intrinsecamente com o campo da educação.

Dessa forma, o *chamado* do encontro foi direcionado para todos os que desejam/desejavam *realizar transformações nos processo de aprendizagem, por meio da potencialização da inteligência coletiva, polinizando o espaço da universidade com outros processo baseados na cooperação, com o fortalecimento do vínculo com a comunidade, e*

com práticas inovadoras de conversar e abrir espaços de escuta, criando integração dos saberes — para a reinvenção de nossos modos de vida na direção da paz, sustentabilidade e justiça social.

Nosso propósito foi *dialogar sobre a integração comunidade e universidade, experimentar em conjunto e divulgar novas maneiras de conversar, escutar, aprender. E, assim, aproximar o conhecimento acadêmico da sabedoria que existe para além das pilastras da universidade.*

Realizamos uma prévia do que seria o encontro no dia anterior, já com todos os anfitriões presentes, na tenda central do evento *Troca de Saberes*²¹, que encerrava suas atividades. Entendemos essa conversa como vital para chamar aqueles que ainda permaneciam em dúvida sobre o quão válido seria a experiência do encontro.

O AoH Viçosa, propriamente dito, aconteceu entre os dias 29 de julho e 01 de agosto de 2014, no Departamento de Dança da UFV. Tivemos como perguntas-geradoras: *O que pode surgir do encontro entre diferentes saberes no ambiente universitário? Qual o papel dos diálogos e da escuta na educação? O que sabemos juntos pode nos levar além do que eu sei sozinho? Como conversas significativas que integrem universidade e comunidade podem contribuir para uma sociedade em transição?*

O perfil dos participantes presentes foi bem diverso: pessoas de dentro e de fora da comunidade acadêmica, viçosenses nascidos ou residentes da cidade para trabalhar e/ou estudar, bem como participantes advindos de outras cidades e estados do país. Conseguimos um campo fértil de diferentes perspectivas. Como o nosso chamado era local mas ao mesmo tempo global, e o nosso propósito central dialogar sobre a educação universitária, acreditamos que essa multiplicidade de vozes e visões de mundo só contribuíram para o enriquecimento da conversa.

Entre os aprendizados da experiência posso destacar estar/ser co-responsável por chamar e sustentar um encontro de pessoas dispostas a pensar e mudar ativamente as formas de educação deu uma nova carga de motivação para a pesquisa, que a partir de então começou a sua etapa de redação. Participar como chamadora/anfitriã foi uma experiência

²¹ O projeto da Troca de Saberes foi iniciado com o programa TEIA, que sempre buscou estabelecer, através de projetos de extensão, o diálogo fora da academia. Como programa, o TEIA busca articular diferentes projetos de extensão em diálogo com os movimentos sociais fomentando a cultura e a participação popular. In: ANDRADE, BELO, 2011.

muito gratificante, pessoalmente, ao perceber que os meus questionamentos quanto à educação e ao ensino em seu estágio atual não incomodam a mim isoladamente, e mais: ver na prática a inteligência coletiva emergindo para resolver um problema que direta ou indiretamente influencia na vida de todos nós.

Criação e fortalecimento de um sentido de comunidade. Apesar de não nos conhecermos todos previamente, pela cumplicidade do círculo e seu acordo de que o que acontece nele, permanece nele, temos uma liberdade para deixar emergir aquilo que o coração realmente precisa falar.

Conversas significativas não são necessariamente conversas boas, mas são conversas construtivas. Eu falo e ouço no intuito do crescimento, no buscar ser melhor. Não há educação/cultivo melhor do que do próprio interior.

Algumas reflexões pontuais que levei do encontro: assim como existe o bastão da fala, existe a pena da resposta — para quando sente que é preciso esclarecimento ou complementariedade — e o poder da escuta; para o sentimento não existe réplica, acolha o sentimento, mesmo que não seja o seu; as verdades precisam ser conhecidas, mas não necessariamente ditas por você.

Refletir criticamente sobre problemas externos em contextos gerais ajuda na resolução de problemas internos de ordem pessoal. Por exemplo, ao questionar o marco das Quatro Pilastras da UFV como separação espacial da universidade com a cidade, pude perceber em mim que às vezes as coisas não são assim tão literais: o marco pode ser simplesmente um marco, demonstrando a importância de algo, ao invés de ser símbolo da segregação de saberes.

De fato, ao perceber a profundidade do campo que criamos e ao voltar para a diversidade qualitativa dos participantes, pude reafirmar as certezas do Espaço Aberto: que as coisas começam na hora que tem que começar, as pessoas que vem são as certas, o que quer que aconteça é a melhor coisa que poderia ter acontecido e que quando acabar, acabou. Para além de uma metodologia de diálogo, levo os quatro princípios e a lei única do Espaço Aberto como filosofia de vida: se estou em um lugar que sinto que não estou nem contribuindo, nem aprendendo, lembro-me de usar os meus dois pés e ir para onde eu faça a diferença.

3.7 COLOS QUE ACOLHEM, ENCONTRO EM QUE SE APRENDE

*A gente vai continuar conectado
porque o que está unindo a gente é essa busca
e a busca sempre vai existir.*
Mariana Tiso

Apesar de presente na grande parte das publicações, pessoalmente duvido muito que a maior parte dos leitores dá à seção *Agradecimentos* o devido valor e atenção. No meu caso, pelo presente trabalho ter sido fruto de um *ser em conjunto, em relação e pelo encontro*, não posso deixar de mencionar também no corpo do texto aqueles que especialmente contribuíram para essa minha educação/cultivo *edudialógica*.

Para não me estender em páginas e mais páginas de nomes, cito apenas, em ordem cronológica, isto é, do tempo do relógio, os sujeitos interagentes mais presentes dessa minha jornada de experiências e aprendizagens anteriormente descrita, compreendida entre o final de 2012 e a metade de 2014. Na universidade e suas possibilidades, “culpo” a equipe do *De Jovem pra Jovem* pelo meu embarque na viagem de descoberta: Alê, Esther, Ana, May, Bu (Torto), Rafa, Laio, Isa. Junto com eles, a Ju, que também participou do workshop *Choice* que o Bu ministrou e o Danilo, que esteve muito presente. À Equipe do Instituto Brasil, representados pela Débora e pelo Giovanni.

Foi a May que me apresentou o Denz, meu primeiro contato em Porto Alegre. Logo após ele, um outro Felipe (na verdade dois outros!) se fez presente: o Amaral — o primeiro dos piratas que conversou comigo por email, seguido pelo Cabral e Daniel Larusso. Ainda em Viçosa, minha entrevista pré-*Estaleiro* se fez por Skype com os três. Quando soube que tinha sido “aceita”, e já na nova cidade, onze novas pessoas fizeram parte do meu cotidiano em Porto Alegre: o próprio Denz, a Bibi, Ricardinho, Carol, Mari, Michel, Dai, Maitê, Julia, Dreyson e Nino. Para além deles, alguns membros da primeira turma do EL como a Evê, a Rafa, Vitor e o Gui. Como a Casa Liberdade é um ecossistema muito rico, várias outras pessoas contribuíram para o meu crescimento e evolução, mas ressalto, para além das turmas do EL, meus amigos Rafa e Josemas.

Ainda no EL, soube do *AoH Floripa* principalmente pelo Gui Neves, amigo do Larusso, e então chamador do encontro para Florianópolis. Com ele, o Leo, a Edite, Guto, Heloisa, Rê Miguez e Narjara, anfitriões do espaço e campo tácito. No meu trio de confiança,

a Rô e o Alex. Sem contar o Thiago, segundo mineiro estaleirístico em terras portoalegrenses e também participante do AoH Floripa com o seu *Eu Herói*.

Voltando para Viçosa, minhas duas primeiras âncoras, e não vejo como poderia ser de outra forma, foram o Henrique e a Cacá, respectivamente co-orientador e orientadora do presente trabalho. Junto a eles, as meninas da disciplina de COM 471 e amigas, Cibelih e Taís. Sem contar os presentes do nosso Okara: Pedro, Willer, Cássia, Rubens, Ludimila, Manuelli, Marcelo, dentre todos os outros presentes. Sobre a experimentações em sala de aula, o agradecimento aos professores Rita Souza, Marcelo Loures e Maria Veranilda pela confiança e convite, e aos alunos, por toparem a ideia.

Por fim, ser chamadora do *AoH Viçosa* foi uma grande honra e contar com a Cacá como apoiadora e anfitriã do campo em Viçosa foi ainda melhor. Também aos anfitriões de outras cidades, o Augusto, a Edite e a Darlene, que ressoaram com o chamado: na força do amor e do encontro, esses dias de *Art of Hosting*, que quase completam um ano, deixou profundas sementinhas na cidade, que se caminha agora para o *Gaia Education*.

Um agradecimento e demarcação de mais duas pessoas de vital importância para essa versão final do trabalho: à professora Mariana (Dept. Comunicação) e ao professor Willer (Dept. Educação), que prontamente aceitaram participar da banca e contribuíram com suas visões. Obrigada por acreditarem em mim!

(IN)CONCLUSÕES

*Se pudermos nos comunicar teremos cada vez mais
companheirismo, participação, amizade e amor. Esse seria o caminho.
A questão real é: você percebe a necessidade desse processo?
Se você se der conta de que ele é absolutamente necessário, então precisa
fazer alguma coisa. Talvez no diálogo, quando alcançarmos
toda essa energia e coerência, é possível que
haja novas mudanças nos indivíduos e uma alteração
em relação ao plano mundial. Tal energia tem sido chamada de
“comunhão”. É um tipo de participação.*
David Bohm

*Não é a educação ou a comunicação que estão em crise.
Ao contrário, ambas vivem um momento de efervescência singular.
A crise e o “caos” se encontram nas instituições e sistemas
comunicacionais e educacionais, pela resistência
com que os mesmos defendem os atuais formatos
de suas estruturas e organizações.*
Vani Kenski

Nossa intenção, ao desenvolver esse trabalho, foi desvelar a comunicação e seu potencial de compartilhamento como uma ferramenta essencial à educação integrativa e holística, ao trazer para o campo acadêmico da Universidade Federal de Viçosa processos participativos de aquisição de conhecimento que ressaltam a interrelação da Comunicação com a Educação. Após anos de fragmentação e setorização de conhecimentos e funções psíquicas, pelo diálogo é possível reagrupar os conhecimentos e, assim, ter uma compreensão que ultrapassa a mera soma das partes.

Como escrevemos durante todo o trabalho, comunicar é colocar em comum e uma das raízes da educação é cultivar, nutrir. Quisemos, por meio deste trabalho, ressaltar a importância de processos *educacionais* baseados na comunicação horizontal e no compartilhamento de conhecimentos entre sujeitos que são ao mesmo tempo emissores e receptores, além de estarem a uma mesma distância do propósito que os une. O *Círculo* é o jeito de compartilhar as coisas mais importantes da vida. Não é à toa que muitas conversas significativas, no geral, se iniciam e se encerram por meio dessa tecnologia e que, a partir de seus princípios, vários outros assuntos se desenvolvem.

O *Espaço Aberto* nos lembra sobre a importância de estarmos onde genuinamente queiramos e que estejamos de fato participando do processo. Se não estamos aprendendo ou contribuindo, que usemos nossos dois pés e que nos movemos para onde o façamos. O *Café*

do Mundo nos lembra de focar no que importa, contribuir falando com o coração, escutar para investigar e conectar — e por fim, se divertir.

As metodologias de conversação, que surgiram em contextos informais, promovem uma “quebra de gelo” entre participantes que até então não se conheciam e se revelam como uma importante e interessante ferramenta de trabalho em processos de aprendizagem: geram e compartilham conhecimentos, favorecem a conscientização, resolvem problemas complexos, constroem relações verdadeiras e permitem o diálogo de igual para igual.

A partir das experiências relatadas neste texto, podemos concluir que as teorias sobre comunicação, diálogo, educação e educomunicação, aliadas às metodologias sociais de conversação acima expostas podem servir como parâmetro possível para o planejamento de processos colaborativos de aprendizagem significativa, fato que ocorre quando há proximidade entre o assunto abordado e a realidade do estudante. Isso porque os temas das conversas partem da vontade dos participantes o que faz com que suas experiências e seus conhecimentos sobre os assuntos possam ser ressignificados.

Também faz-se importante ressaltar a implementação desses processos em um contexto universitário em turmas que, além de numerosas, reúnem alunos de diversos campos do conhecimento. Essa oportunidade de encontros em que imperava a diversidade mostra a necessidade de trabalhos baseados na interdisciplinaridade e da aplicação efetiva dessas ferramentas no intuito do desenvolvimento da consciência crítica, independentemente da área de conhecimento vinculada.

Assim como nos reportamos à origem da Comunicação e da Educação, ao experimentarmos o Diálogo, fica o lembrete de que não nos esqueçamos também de sua essência, que é o encontro. Para além dessa busca de diálogos com significado em salas de aula, instituições ou processos de aprendizagem, um fator significativo que tentamos deixar claro ao longo do texto é o cuidado com o outro — a verdadeira essência da comunicação. Mais vale cuidar de um amigo que precisa, em momento de crise, do que a cristalização de uma posição ou teorização. A autenticidade do diálogo, a descoberta do eu e sua aceitação são os mais genuínos dos propósitos e isso requer maior coragem: para sua exposição.

Ao mesmo tempo, frisamos que a situação dialógica nem sempre acontece sem ruídos, conflitos ou divergências. O diálogo é o fim último, mas por ainda não estarmos plenamente inseridos em sua cultura, alguns entraves ao seu pleno desenvolvimento

acontecem. Mas, tendo em vista a cultura do ganha-ganha, o conflito que pode ser gerado não é visto como entrave, mas como oportunidade de crescimento.

Grande parte das experiências acima retratadas tiveram como propósito iniciador a consciência de si, isto é, o autoconhecimento do indivíduo que reflete e age sobre o mundo. Essa ação também gera conhecimento, que retorna ao sujeito. O movimento é complexo, simultâneo e de mão dupla. Quanto mais o sujeito conhece a si mesmo, mais é capaz de entrar em contato com outro indivíduo, compartilhar os conhecimentos que já possui. E ao entrar em contato com o outro, mais sobre si ele apreende. Estamos em constante vir-a-ser, somos-sendo. Na integração da teoria com a ação e do eu com o tu nos (re)conhecemos como Sujeitos reflexivos-transformadores e ao ouvir, construimos pontes.

Que a aprendizagem se dê pela curiosidade, que as práticas comunicativas favoreçam os relacionamentos humanos e que nossas conversas sejam espaço de trocas e (des)construção de nós mesmos: a todo tempo e lugar, nossa maior tarefa é criar esses espaços em que possamos ser inteiros.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A escola com que sonhei sem imaginar que pudesse existir**. Campinas: Papyrus, 2001.

_____. **Ostra feliz não faz pérola**. 2a ed. São Paulo: Planeta, 2014.

AMORIM, Marina Alves. **Por uma história da Educação para além da escola**. In: II Congresso de Pesquisa e Ensino em História da Educação em Minas Gerais, 2003, Uberlândia - MG. Anais do II Congresso de Pesquisa e Ensino em História da Educação em Minas Gerais. Uberlândia - MG: UFU, 2003. Disponível em: <<http://www2.faced.ufu.br/nephe/images/arq-ind-nome/eixo11/complestos/historia.pdf>>. Acesso em 15 out 2014.

ANDRADE, Andriza; BELO, Jordana. **Fé na terra - documentário sobre a Troca de Saberes 2011**. Monografia (Bacharel em Jornalismo) — Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2011. 59 f.

18° ART OF HOSTING BRASIL, 1° ART OF HOSTING FLORIPA, 2013, Florianópolis, SC. **Art of Hosting Floripa**: Expanda sua ilha. Florianópolis, SC: 2013.

26° ART OF HOSTING BRASIL, 1° ART OF HOSTING, 2014, Viçosa, MG. **Art of Hosting Viçosa**. Viçosa, MG: 2014.

BALDWIN, Christina; LINNEA, Ann. **The circle way: a leader in every chair**. San Francisco: Berrett Koehler Publishers, 2010.

BERLO, David Kenneth. **O processo da comunicação**: introdução à teoria e à prática. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BITTAR, Marisa. **História da educação**: da antiguidade à época contemporânea. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

BOJER, Marianne M., *et al.* **Mapeando diálogos**: ferramentas essenciais para a mudança social. Rio de Janeiro: Instituto Noos, 2010.

BOHM, David. **Diálogo**: comunicação e redes de convivência. São Paulo: Palas Athena, 2005.

BONA, Nívea; CONTEÇOTE, Marcelo L.; COSTA, Laílton. **Kaplún e a comunicação popular**. In: Anuário Unesco/Metodista de Comunicação Regional, Ano 11 n.11, 169-184, jan/dez. 2007. Disponível em: <<http://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/AUM/article/viewFile/931/990>>. Acesso em 02 jun. 2015.

BROWN, Juanita; ISAACS, David. **O World Café**: dando forma ao nosso futuro por meio de conversações significativas e estratégicas. Trad. Moises Sales. São Paulo: Cultrix, 2007.

CHONCHOL, Jacques. Prefácio. 1968. In: FREIRE, Paulo. **Extensão em Comunicação?** São Paulo: Paz e Terra, 2006.

COELHO, Edgar P.; SANTOS, Marcelo L. dos; BARBOSA, Willer A. O mundo não é, o mundo está sendo: Paulo Freire um educador e filósofo de uma existência engajada. In: **Existência e Arte**. *Revista Eletrônica do Grupo PET: Ciências Humanas, Estética e Artes da UF São João Del-Rei*. Ano V, Número V, Janeiro a Dezembro de 2010.

COSTA, Francisco de A.M. da. (org.) **Educomunicação socioambiental**: comunicação popular e educação. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2008.

DANTAS, Lúcio G.; CAVALCANTE JR, Francisco S. **Educação e Diálogo**: construindo o humano. *Cadernos de Educação*. Pelotas: FaE/PPGE/UFPel, jan/abr 2009, p. 181-196.

DE JOVEM PRA JOVEM. Disponível em: <<http://de-jovem-para-jovem.blogspot.com/>>. Acesso em 29 abr 2015.

DUARTE, Rosalia. **Educação e comunicação**: diálogo ou duelo? Disponível em: <<http://www.redebrasil.tv.br/educacao/default.htm>>. Acesso em 10 jan 2015.

EDUCAÇÃO. **Origem da Palavra**. Disponível em: <<http://origemdapalavra.com.br/site/palavras/educacao/>>. Acesso em 03 maio 2015.

ESTALEIRO LIBERDADE. Disponível em: <<http://estaleiroliberdade.com.br/portoalegre>>. Acesso em 29 abr 2015.

EU MAIOR. Direção: Fernando Schultz e Paulo Schultz. Produção: Fernando Schultz, Paulo Schultz, André Melman e Marco Schultz. Brasil, 2013. 90 minutos. Documentário.

FERNANDINO, Ísis Antunes. **Espaço Florescer**: Um experiência de Jardim de Infância inspirada na Pedagogia Waldorf e em uma visão holística da educação. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) — Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 2011. 104 f.

FERREIRA, Eduardo G. M. **Diálogo social**: a comunicação na construção dos relacionamentos das organizações com as comunidades vizinhas. 2011. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Universidade de São Paulo, SP, 2011.

FERREIRA JR, Amarilio. Apresentação. In: BITTAR, Marisa. **História da educação**: da antiguidade à época contemporânea. São Carlos: EdUFSCar, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014a.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014b.

GRAVATÁ, André; *et al.* **Volta ao mundo em 13 escolas**. São Paulo: Fundação Telefônica, 2013.

GRÜN, Anselm. **Despertar o Encontro**. Trad. Edgar Orth. Petrópolis: Vozes, 2005.

KAPLÚN, Mario. **Una pedagogía de la Comunicación: el comunicador popular**. Madrid: Ediciones de la Torre, 1998.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e Comunicação: interconexões e convergências. In: **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 29, n.104 - Especial, p. 647-665, out. 2008. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

LUNDQUIST, Leah; *et. al.* **Cultivating Change in the Academy: Practicing the Art of Hosting Conversations that Matter within the University of Minnesota**. An Open Source e-Book, 2013. Disponível em: <<http://cultivatingchange.wp.d.umn.edu/hostingconversations/>>. Acesso em 2013.

MARTINO, Luiz C. De qual comunicação estamos falando? *In:* HOHFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C; FRANÇA, Vera Veiga (orgs). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MESSIAS, Claudio. **A Educomunicação nas Ciências da Comunicação: um conceito que surge, no Brasil, a partir de práticas, reflexões e olhares**. Disponível em: <<http://www.educacionmediatica.es/comunicaciones/Eje%204/Cláudio%20Messias.pdf>>. Acesso em 02 jun. 2015.

MOVIMENTO CHOICE. Disponível em: <<http://www.artemisiasia.org.br/choice/>>. Acesso em 29 abr 2015.

OWEN, Harrison. **Coffee break produtivo**. Trad. Alda Szlak-Freier. São Paulo: Novo Paradigma, 2003.

PACHECO, José. **Dicionário das Utopias da Educação**. Belo Horizonte: WAK, 2009a.

_____. **Pequeno Dicionário dos Absurdos da Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2009b.

PRIMEIRO CONGRESSO MUNDIAL DE TRANSDISCIPLINARIDADE. Red. Lima de Freitas, Edgar Morin e Basarab Nocolescu. **Carta da transdisciplinaridade**. Portugal: Convento de Arrábida, 1994.

QUERER, Edite Faganello. O espetáculo que carece ser encenado sem tempo para sair de cartaz: Paulo Freire e nós! Para o 1. Art of Hosting Nordeste, 2013. *In:* 26° ART OF HOSTING BRASIL, 1° ART OF HOSTING, 2014, Viçosa, MG. **Art of Hosting Viçosa**. Viçosa, MG: 2014.

SANTOS, Marcelo Loures dos; COELHO, Edgar Pereira; ALVES, Luiz Claudio Ferreira. A experiência com a dinâmica de grupo e a diversificação de olhares. *In*: COELHO, Edgar P.; SANTOS, Geraldo M. A. dos; MARI, C. L. de. (org.) **Educação e formação humana: múltiplos olhares sobre a práxis educativa**. Curitiba: CRV, 2012. 47-61.

SARTORI, Ademilde S.; SOARES, Maria Salete P. **Concepção dialógica e as NTIC: a Educomunicação e os ecossistemas comunicativos**. Disponível em: <<http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/86.pdf>>. Acesso em 05 jul 2014.

SEMLER, Ricardo; DIMENSTEIN, Gilberto; COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Escola sem sala de aula**. Campinas, SP: Papirus, 2004.

SIMAS, Ana Carolina B. F. **Comunicação e diferença: estudos em comunicação colaborativa para a sustentabilidade comunitária**. 2013. 397 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, 2013.

SIMAS, Ana Carolina B. F.; VIVACQUA, Flavia; Hortal, Maisa. **Art of Hosting**. *In*: Guia de Metodologias e práticas para a transição. Disponível em: <<https://metodologiasinergicas.wordpress.com/2012/06/17/art-of-hosting/>>. Acesso em 26 maio 2015.

SOARES, Ismar de O. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação — contribuições para a reforma do ensino médio**. São Paulo: Paulinas, 2011.

_____. **Mas, afinal, o que é educomunicação?** Disponível em: <www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>. Acesso em 02 jun. 2015.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TISO, Mariana. **Vídeo Estaleiro Liberdade 2013**. Disponível em: <<http://vimeo.com/67077382>>. Acesso em 15 jun. 2015.

TOLEDO, Estevam de. **Análise sobre o livro “Una pedagogía de la Comunicación”**. Disponível online. Acesso em 02 jun. 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA. **Projeto Político Pedagógico** do Curso de Comunicação Social/Jornalismo. 2010.

WEIL, Pierre. **A arte de viver em paz: por uma nova consciência, por uma nova educação**. São Paulo: Editora Gente, 1993.

WHEATLEY, Meg. **Conversando a gente se entende: Solução simples para estabelecer a esperança de um futuro melhor**. São Paulo: Cultrix, 2012.

ANEXOS

ANEXO A - Tecnologias Sociais de Diálogo

ANEXO B - Grupos

ANEXO C - Universidade e movimentos

ANEXO D - Estaleiro Liberdade

ANEXO E - AoH Floripa

ANEXO F - Praticando em sala de aula

ANEXO G - Okara

ANEXO H - AoH Viçosa

ANEXO I - Vídeos

ANEXO A

Tecnologias Sociais de Diálogo

Círculo, Espaço Aberto, Café Mundial



ANEXO B

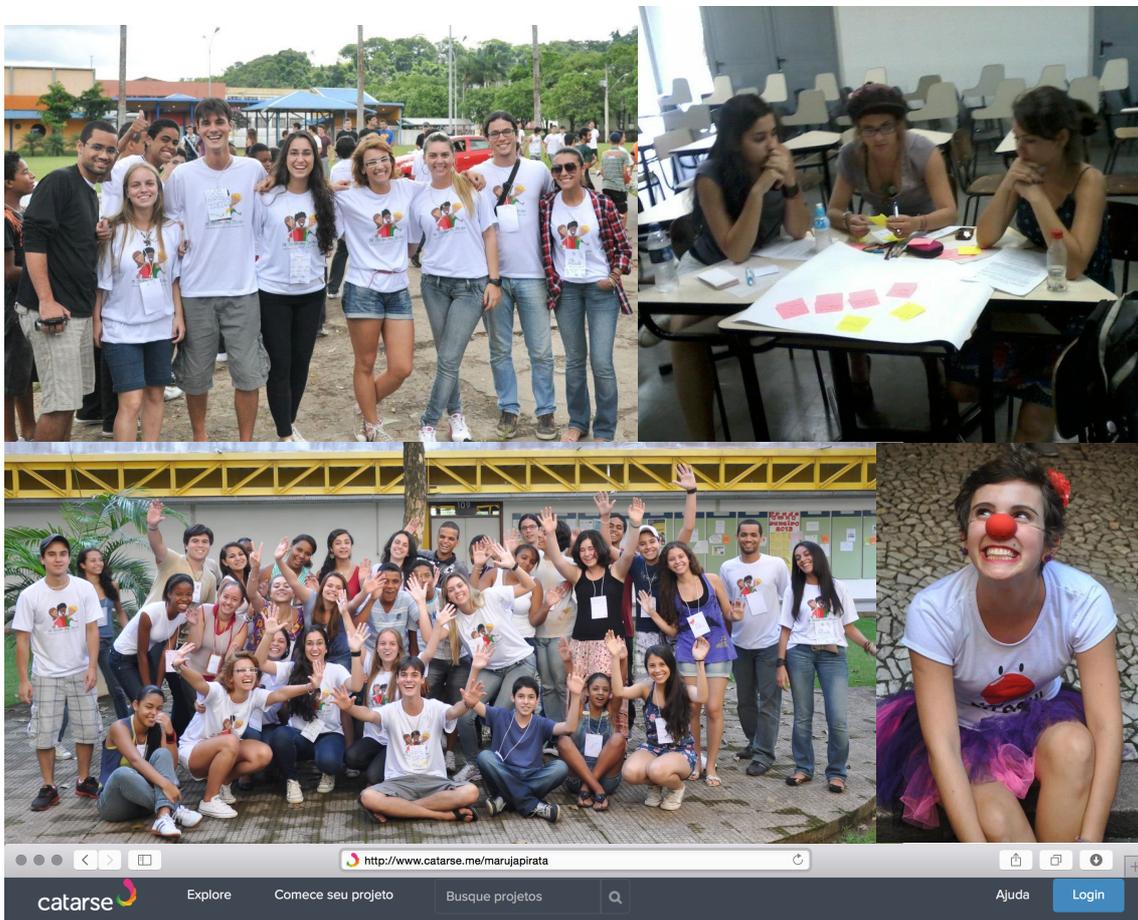
Grupos

Estaleiro Liberdade, Art of Hosting Floripa, Okara, Art of Hosting Viçosa



ANEXO C

Universidade e movimentos



http://www.catarse.me/marujapirata

catarse Explore Comece seu projeto Busque projetos Ajuda Login

De Maruja a Pirata

por Mariana Tiso de Carvalho

Sobre Novidades 11 Apoios 105 Comentários 13 Comunidade



R\$ 7.245
atingidos de R\$ 7.000

105
apoios

0
Segundos restantes

Este projeto foi bem-sucedido e foi financiado em 23/03/2013

ANEXO D

Estaleiro Liberdade

Construa seu projeto. Navegue com propósito.

Uma jornada de três meses pra você transformar seu sonho em realidade.



FREEDOM LIGHTHOUSE Seu guia para o desenvolvimento de habilidades para autonomia.

Somos uma escola para o desenvolvimento de autonomia. Identificamos quatro áreas de conhecimento e práticas que servem como referências nesse processo. Na sua Jornada, você escolhe suas atividades, recebe feedback e define para onde quer ir, através do Freedom Lighthouse, o seu guia no Estaleiro Liberdade.

Assim, em inglês, porque é tecnologia pirata e aberta para exportação.



Página 20 **TRIBUNA LIVRE**

Estudante de Jornalismo da UFV lança projeto educacional

A estudante do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV) – Mariana Tiso – acaba de lançar na internet um projeto de cunho educacional que promete repercussão na cidade. Chamado “De Marujá a Pirata: por um novo modelo de educação”, o projeto é focado no estudo de ações voltadas para novas formas de construção e novos modelos de escola, em que são privilegiados aspectos mais lúdicos e personalizados, aliados a mais liberdade para se ouvir, falar e escrever entre os educandos.

“Uma coisa que muito me incomoda é a forma como as escolas são estruturadas e a forma com que elas formam os alunos. Salas de aula, professor onisciente, conteúdos enfiados, muitas paredes, conhecimento enfiado. Não, para mim, a escola tem que te dar liberdade: liberdade para estudar, para crescer e se entender como ser humano”, mencionou Mariana, que já atua em Viçosa nos projetos sociais “Tropical” e “De Jovem Pra Jovem”.

Segundo Mariana, o ponto de partida do seu projeto é conhecer de perto o Estaleiro Liberdade, uma escola localizada em Porto Alegre-RS que objetiva desenvolver em seus alunos, chamados de man-

...jões, potencial empreendedor a partir dos sonhos de cada um e da descoberta de caminhos para realizá-los. Ela passará lá três meses conhecendo as suas propostas e ações pedagógicas, que serão reportadas em um livro-reportagem.

“Nesses três meses pesquisarei os modelos de educação até então estudados e postos em prática e procurarei por aqueles ainda em desenvolvimento. No livro-reportagem estará tudo o que eu viver, visto, lido, ouvido e sabido no Estaleiro Liberdade, que será colocado em prática no meu porto de origem: Viçosa. Este colocar em prática tem a ver com a proposta de reformulação de metodologias pedagógicas

...existentes atualmente nas escolas da cidade. Estou tendo a preocupação de ir às escolas para conhecer como já funcionam e pensar de que forma poderiam ser melhoradas”, completa Mariana Tiso, que é mineira de Três Pontas.

Para conseguir passar os três meses de vivência e pesquisa no Estaleiro Liberdade, a estudante de Jornalismo optou em captar recursos no “crowdfunding” – modelo amplamente usado no mundo todo que permite que indivíduos, ONGs ou empresas financiem seus projetos através de doações coletivas. Detalhes do seu projeto e de como participar dele, colaborando, podem ser vistos na internet através do endereço www.catarse.me/pt/marujapirata.

“O dinheiro arrecadado servirá para ajuda de custo no curso, na passagem, na alimentação, além dos 13% destinados ao Catarse [blog responsável pelo modelo de arrecadação]. A escolha do crowdfunding é porque, assim como o meu sonho é colaborativo e trará um impacto positivo para a sociedade, nada melhor do que o Catarse ser a plataforma de financiamento, que está baseado nos mesmos pilares: sonho, colaboração e transformação”, completou Mariana.

Mariana lança novidade

INSCRIÇÕES ABERTAS

Procuramos por você que quer se permitir realizar os próprios sonhos.

Nós reconhecemos a Liberdade em você, Pirata.

10 de março a 6 de junho 2013



O QUE AMAMOS COMPARTILHAR

FERRAMENTAS

Podemos usar ferramentas parceiras já existentes a favor da nossa criatividade e geração de renda.

Nós.vc - Plataforma de aprendizado colaborativo através de encontros.

Catarse - Plataforma de financiamento colaborativo de projetos.

AMAMOS E USAMOS

Comunicação não-violenta
Lean Startup
Métodos Ágeis
Gamestorming
Coaching
Antroposofia
Learn by Doing
Design Thinking
Art of Hosting
Project Based Learning
Dragon Dreaming
Visual Meetings
Storytelling
Pensamento Visual
E mais.

ANEXO G

Okara



OKARA Compartilhando Saberes para a Sustentabilidade e Justiça Social

	Quarta-feira, 12 de fevereiro	Quinta-feira, 13 de fevereiro	Sexta-feira, 14 de fevereiro
Manhã 8h - 12h	<p>9h - 12h: Acolhida e Abertura</p> <p>Integração</p> <p>Círculo de Diálogo: por que sustentabilidade e justiça social?</p> <p>Organização Espaço Aberto</p>	<p>8h - 9h30: Espaço Aberto (sessão 3)</p> <p>9h30 - 10h: Intervalo</p> <p>10h - 11h30h: Espaço Aberto (sessão 4)</p> <p>11h30: Convergência</p>	<p>8h - 9h30: Espaço Aberto (sessão 7)</p> <p>9h30 - 10h: Intervalo</p> <p>10h - 11h30h: Espaço Aberto (sessão 8)</p> <p>11h30: Convergência</p>
Tarde 14h - 18h	<p>14h - 15h30: Espaço Aberto (sessão 1)</p> <p>15h30 - 16h: Intervalo</p> <p>16h - 17h30: Espaço Aberto (sessão 2)</p> <p>17h30: Convergência</p>	<p>14h - 15h30: Espaço Aberto (sessão 5)</p> <p>15h30 - 16h: Intervalo</p> <p>16h - 17h30: Espaço Aberto (sessão 6)</p> <p>17h30: Convergência</p>	<p>Convergência Espaço Aberto</p> <p>Café Mundial: próximos passos e encaminhamentos</p> <p>Encerramento</p>
Noite 19h - 22h	Cine Debate – A Última Hora	Celebração: Apresentações Culturais	

* Espaço Aberto: cada sessão contempla aproximadamente quatro espaços paralelos dedicados a rodas de diálogo, apresentações, oficinas, vivências, mini- cursos, performances, instalações, etc. A programação detalhada de cada sessão será organizada, de maneira participativa, na manhã do primeiro dia do evento.

ANEXO H

Art of Hosting Viçosa



ARTE DE COLHER RESULTADOS QUE IMPORTAM
E ANFITRIAR CONVERSAS SIGNIFICATIVAS

1 AOH VIÇOSA

Viçosa recebe AOH

De 29 de julho a 1 agosto, Viçosa recebe a primeira edição da Arte de Anfitriar Conversas Significativas e Colher Resultados que Importam, no inglês Art of Hosting.

O encontro acontece no prédio de Dança, na Universidade Federal de Viçosa e tem como propósito dialogar sobre a integração da comunidade/cidade com a universidade, experimentar em conjunto e divulgar novas maneiras de conversar, escutar, aprender, e assim aproximar o conhecimento acadêmico da sabedoria popular.

O Art of Hosting é uma comunidade de aprendizagem e prática internacional que explora novos padrões de aprendizagem e liderança coletivos, por meio das artes de Liderança Participativa, de Fazer Perguntas, Facilitar Conversas Significativas e Colher Resultados que Importam.

O evento se destina a educadores da cidade e da universidade, aprendizes e demais interessados nos temas de Comunicação e Educação. Tem como facilitadores Mariana Tiso e Ana Carolina Simas (Viçosa), Edite Faganello (Curitiba), Augusto Gutierrez (Rio de Janeiro) e Darlene Rabello (Curitiba). Maiores informações e inscrições podem ser feitas pelo endereço <http://www.com.ufv.br/aohvicosa>.

Este chamado é para todos os que desejam realizar transformações nos processos de aprendizagem, por meio da potencialização da inteligência coletiva, polinizando o espaço da universidade com outros processos baseados na cooperação, com o fortalecimento do vínculo com a comunidade, e com práticas inovadoras de conversar e abrir espaços de escuta, criando integração de saberes – para a reinvenção de nossos modos de vida na direção da paz, sustentabilidade e justiça social.

INSCRIÇÕES ABERTAS!

WWW.COM.UFV.BR/AOHVICOSA



Qual o papel dos diálogos e da escuta na educação?

O que pode surgir do encontro entre diferentes saberes no ambiente universitário?

Como conversas significativas que integrem universidade e comunidade podem contribuir para uma sociedade em transição?

O que sabemos juntos pode nos levar além do que eu sei sozinho?

ANEXO I

VÍDEOS

Estaleiro Liberdade 2013

<http://vimeo.com/67077382>

Encontro da Comunidade Art of Hosting Brasil

<http://vimeo.com/67639429>

De Maruja a Pirata

<http://vimeo.com/58803439>